

Trabalho de Conclusão de Curso

**Estudo do acervo de acompanhamentos
funerários da *Coleção Arqueológica Pe.
João Alfredo Rohr, SJ*: análise de dois
contextos arqueológicos litorâneos em
Santa Catarina**

Roberta Porto Marques



ROBERTA PORTO MARQUES

Estudo do acervo de acompanhamentos funerários da *Coleção Arqueológica Pe. João Alfredo Rohr, SJ*: análise de dois contextos arqueológicos litorâneos em Santa Catarina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Jeremy Paul Jean Loup Deturche

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Marques, Roberta Porto

Estudo do acervo de acompanhamentos funerários da Coleção Arqueológica Pe. João Alfredo Rohr, SJ : análise de dois contextos arqueológicos litorâneos em Santa Catarina / Roberta Porto Marques ; orientador, Jeremy Paul Jean Loup Deturche, 2018. 120 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. Estudo de acervos e coleções. 3. Coleções arqueológicas. 4. Acompanhamentos funerários. 5. Sítios arqueológicos litorâneos pré coloniais. I. Deturche, Jeremy Paul Jean Loup. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Museologia. III. Título.

ROBERTA PORTO MARQUES

Estudo do acervo de acompanhamentos funerários da *Coleção Arqueológica Pe. João Alfredo Rohr, SJ*: análise de dois contextos arqueológicos litorâneos em Santa Catarina

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Museologia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 5 de dezembro de 2018.

Profª. Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes, Dra.
Coordenadora do Curso de Museologia

Banca Examinadora:

Prof. Jeremy Paul Jean Loup Deturche, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Luciane Zanenga Scherer, Me.
Membro da Banca
Universidade Federal de Santa Catarina

Christianne Coelho de Souza Reinisch Coelho, Dra.
Membro da Banca
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Esses agradecimentos são pouco para expressar minha gratidão por esse momento que marca a celebração de uma trajetória de muitos anos de estudo. Primeiramente, agradeço a Deus pela vida, por todas as bênçãos e experiências e pelo crescimento emocional e espiritual dos últimos anos. Aos meus pais, Magali e Jorge, aos irmãos Gabriel, Gabriela e Flávia, aos meus avós Milton e Noemy, Aurora e Enio. Aos tios, tias, primos, primas e a todos os outros familiares vivos, pela base, incentivo, apoio e amor. Também aos nossos mortos, ancestrais e antepassados, que nos deram a possibilidade da existência.

Agradeço à UFSC, por todos esses anos de vivências. Ao professor Jeremy Deturche, a quem admiro e que, desde o início da graduação, me incentiva e ajuda nesta área de pesquisa. Sou muito grata pelos aprendizados, pela confiança e parceria.

Agradeço às queridas amigas Luciane Scherer e Christianne Coelho por todos os aprendizados e momentos lindos compartilhados, assim como por integrarem a banca de avaliação do trabalho.

Ao Padre Ignácio Schmitz, D. Ivone Verardi, e a todo o Instituto Anchietano de Pesquisas, pelo apoio e disponibilização de documentos para a pesquisa.

A alguns dos professores que fizeram a diferença na minha vida: Segundo de Oliveira, Marcelo Caon, Adriana Dias, Andrea Lessa, Sergio Baptista da Silva, Vherá Poty Benites.

Ao Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, SJ”, desde a época em que era cuidado pelo professor Sidney Linhares, que me apoiou e incentivou a trilhar no caminho dessa temática e me recebeu com muito entusiasmo no Museu, permitindo o acesso (autorizado pela Diretora Acadêmica na época, Jane Lúcia Pedro) aos materiais e me ajudando na pesquisa. Do Museu agradeço também aos funcionários que trabalharam comigo na época em que fui estagiária, e que hoje não estão mais lá, Irmão Vanderlei Backes e Jefferson Garcia.

Ao Colégio Catarinense, seus diretores Afonso Luiz Silva, Elton Frias Zanoni e, especialmente a Fábio Luiz Marian Pedro. Ao Pe. Nereu Fank SJ, aos professores do CC José Francisco Albino, Guilherme Simões, Ana Carolina Krieger, Dalton Reis. Aos colegas de trabalho do CC Patrícia Grumiche, Maria Valmira Mendonça, Danieli Galvani, Natália Kranz, Mirta Franzoni, Tobias Neuhaus, Marcos Lacau, Edson Schweitzer, Márcia Carvalho, Louisa Schröter, Kelly Coelho, Yuri

Rossetto, Jocel Koche, Bruno Pedro, Rosana Maciel, Maiara Wentz e Micheli Gouvêa.

Aos queridos amigos que a UFSC me deu: Lúcia Valente (e seu esposo César), Kátia Bordinhão (e seu esposo Ronaldo), Leticia Gondim, Alberto de Andrade, e a todos os colegas e professores da Museologia, em especial Thainá Casto, Luciana Cardoso, Valdemar de Assis e Renata Padilha. Também da UFSC, agradeço à Nádia Furbringer, Eliza Cordeiro, ao Éder Luiz e João Sol, às professoras Juliana Machado Bueno, Maria Eugenia Dominguez e aos professores de Antropologia.

Aos colegas da arqueologia Beatriz Mendes, Simon Pierre-Gilson, Osvaldo Paulino, Margareth Souza, e aos alunos do PPGArq do Museu Nacional/UFRJ.

Às amigas da dança e da vida: professora Sílvia Vargas, Edna Valéria da Silva e Bruna Gonçalves, Adriana Ungaratti, Janaína Aquino, Franciele Massaneiro, Harime, Aline Pires, Adriana Santana e Khadija Bastos.

Às amigas queridas Martha Sydow, Sônia Roldan, Fernanda Bonet, Luísa Figueiredo, Carla Lavratti, Juliana Peldomo e aos terapeutas Nilva Bonetti, Cynara de Albuquerque Ribeiro e Maurício Moreira.

Aos povos indígenas, por existirem e resistirem!

“É difícil esquecer os mortos – pois só os mortos esquecem.”

(*Araweté*: os deuses canibais. Castro, 1986, p. 494)

RESUMO

Este trabalho realiza um breve estudo sobre uma tipologia de objetos arqueológicos integrantes de acervos museológicos que foram evidenciados em dois momentos distintos da trajetória de pesquisa e escavações do arqueólogo e padre João Alfredo Rohr. Trata-se de objetos que integram a *Coleção Arqueológica Pe. João Alfredo Rohr*, provenientes de contextos funerários, encontrados junto a esqueletos humanos escavados em sítios arqueológicos e, nesse sentido, acompanhamentos funerários. Para a análise, foram escolhidos os sítios litorâneos pré-coloniais, *Caiacanga-Mirim*, localizado em Florianópolis, e *Praia das Laranjeiras II*, em Balneário Camboriú, escavados por Rohr em 1958 e 1977/1978, respectivamente, de maneiras e com metodologias distintas. Os acompanhamentos funerários analisados foram confeccionados a partir de dentes de animais (mamíferos e tubarões), de rochas, de ossos, de conchas e de cerâmica, e são aqui percebidos como objetos indicadores de parte de uma história indígena do litoral catarinense.

Palavras-chave: Estudo de acervos e coleções. Acervo museológico. Coleções arqueológicas. Acompanhamentos funerários. Sítios arqueológicos litorâneos pré-coloniais.

ABSTRACT

This work makes a brief study about one specific typology on collections of archaeological objects that were part of the museum, evidenced in two distinct moments of the research trajectory and excavations of the archaeologist and priest João Alfredo Rohr. Its about objects that integrate the Archaeological Collection named Fr. João Alfredo Rohr, from funerary contexts, found next to human skeletons excavated in archaeological sites and, in this sense, funeral accompaniments. For the analysis were chosen the pre-colonial coastlines sites of Caiacanga-Mirim, located in Florianópolis, and Praia das Laranjeiras II, in Balneário Camboriú, excavated by Rohr in 1958 and 1977/1978, respectively, in different ways and methodologies. The funeral accompaniments analyzed were made from the teeth of animals (mammals and sharks), rocks, bones, shells and pottery, and here they are as indicative objects of part of the Santa Catarina coastal indigenous history.

Keywords: Study of collections. Museum collection. Archaeological Collections. Funeral Accompaniments. Precolonial coastlines archaeological sites.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Padre João Alfredo Rohr, SJ (sem data).....	28
Figura 2 - João Alfredo Rohr analisando um crânio humano da coleção arqueológica do Museu.....	31
Figura 3 - Objetos da Coleção Berenhauser, 1948.....	33
Figura 4 - Pe. Rohr em escavação no sítio Caiacanga-Mirim, na Base Aérea de Florianópolis, 1958	34
Figura 5 - Estrutura funerária em escavação no sítio Praia das Laranjeiras II, Sepultamento 74. Ano 1978.....	51
Figura 6 - Vista panorâmica da Ponta Caiacanga-Mirim, Florianópolis. 1958.....	73
Figura 7 - Parte da escavação no sítio Caiacanga-Mirim, na Base Aérea, 1958.....	74
Figura 8 - Localização, croqui e perfil estratigráfico do sítio Caiacanga-Mirim.....	75
Figura 9 - Padre Rohr evidenciando um sepultamento (não identificado) no sítio da Base Aérea, em 1958.	76
Figura 10 - Funcionários da Base Aérea junto a um sepultamento (não identificado) durante as escavações do sítio arqueológico, 1958.....	78
Figura 11 -Acompanhamentos funerários dos Sepultamento 07 (“amuleto de pedra”), à esquerda, e Sepultamento 01 (“amuleto de concha”), à direita.....	80
Figura 12 - Crânio do Sepultamento 01, identificado por Rohr como uma criança entre 10 e 12 anos de idade. Junto a ele, encontrou o artefato que chamou de “amuleto de pedra”... 80	
Figura 13 - Dente de tubarão duplamente perfurado, acompanhamento do Sepultamento não identificado (infantil).	81
Figura 14 - Acompanhamentos funerários do Sepultamento 11 (adulto), sete conchas de <i>Conus spurius</i> perfuradas (esquerda), e do Sepultamento não identificado (infantil), 41 conchinhas perfuradas de <i>Olivella sp</i> (direita).	82
Figura 15 - Sep 37 (adulto) e 37A (criança), evidenciados durante a escavação, 1958.....	84
Figura 16 - Sepultamento 61, infantil. Os acompanhamentos, que segundo Rohr, seriam um “colar”, estão dispostos junto ao esqueleto, do pescoço até a cintura pélvica.	86

Figura 17 - Sepultamento infantil (não identificado), com acompanhamento funerário. Trata-se de um dente de tubarão duplamente perfurado, próximo ao úmero direito.....	89
Figura 18 - Vista da Praia das Laranjeiras, década de 1970.	90
Figura 19 - Equipe do Pe. Rohr em trabalho de escavação da no sítio Praia das Laranjeiras II.....	91
Figura 20 - Evidenciação dos esqueletos Sep 82, Sep 72 e Sep 79 na escavação do sítio Praia das Laranjeiras II, em 1978.....	93
Figura 21 - Acima, cinco dentes de tubarão (<i>Prionace glauca</i>) duplamente perfurados, associados ao Sep 67 (infantil), em exposição no MA/CACG. Abaixo, foto aproximada dos mesmos objetos, com escala.....	96
Figura 22 - Seis dentes perfurados de felídeo e outras espécies não identificadas, associados ao Sepultamento 43 (infantil).....	97
Figura 23 - Cinco dentes perfurados de mamíferos, associados ao Sepultamento 39 (infantil), em exposição em vitrine no MA/CACG.....	97
Figura 24 - Dentes (três) de mamíferos perfurados associados ao sepultamento infantil Sep 49. Em vitrine da exposição do MA/CACG.....	98
Figura 25 - Sepultamento 107 (adulto masculino), deitado em posição fetal e encostado em uma mandíbula de baleia.	99
Figura 26 - Sepultamento 91 (infantil), do sítio Praia das Laranjeiras II, cimentado e em exposição no MHS. Possui como acompanhamento, um adorno com 114 conchinhas perfuradas (<i>Olivella sp</i>).....	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Algumas diferenças metodológicas e de pesquisa nos estudos realizados por Rohr nos dois sítios arqueológicos	72
Tabela 2 - Acompanhamentos funerários evidenciados no sítio Caiacanga-Mirim e seus respectivos sepultamentos, com dados de sexo, idade e localização no esqueleto.....	87
Tabela 3 - Comparativo dos sítios analisados, com a datação, número de sepultamentos evidenciados em cada um deles, existência de Fichas de Registro de Sepultamento e localização dos esqueletos e acompanhamentos funerários.	92
Tabela 4 - Lista de sepultamentos com acompanhamentos funerários identificando o sexo/idade e o Museu em que o artefato associado se encontra.	100
Tabela 5 - Tabela comparativa que apresenta os tipos de acompanhamentos funerários que aparecem em cada uma das classes de idade entre os indivíduos de Caiacanga-Mirim e Praia das Laranjeiras II.....	103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1 – Padre Rohr, a formação da <i>Coleção Arqueológica Pe. João Alfredo Rohr</i> e a constituição do Museu do Homem do Sambaqui	27
1.1 <i>Trajatória do padre arqueólogo João Alfredo Rohr e breve histórico do Museu</i>.....	27
1.2 <i>Formação da Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr</i>.....	32
CAPÍTULO 2 – Acervo museológico e coleções arqueológicas: um referencial teórico para pensar a <i>Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr</i> e seus acompanhamentos funerários	37
2.1 <i>Museus e seus acervos</i>.....	38
Acervo museológico	41
Acervo arqueológico	42
2.2 <i>Coleções</i>.....	43
Coleções arqueológicas	44
2.3 <i>Arqueologia funerária: pensando sepultamentos, acompanhamentos e rituais funerários</i>.....	47
Sepultamento.....	49
Arqueologia funerária	50
Acompanhamentos e rituais funerários	51
2.4 <i>Artefatos, enfeites e objetos entre grupos ameríndios: um aporte para pensar os corpos e os acompanhamentos</i>	55
CAPÍTULO 3 – Estudo de acervo: os acompanhamentos funerários dos sepultamentos em <i>Caiacanga-Mirim</i> e <i>Praia das Laranjeiras II</i>	63
3.1 <i>Caracterização dos sítios arqueológicos Caiacanga-Mirim e Praia das Laranjeiras II</i>	64
3.2 <i>Escavações no sítio arqueológico Caiacanga-Mirim</i>	72
Os sepultamentos do sítio Caiacanga-Mirim.....	76
Os acompanhamentos funerários do sítio Caiacanga-Mirim....	79
3.3 <i>Escavações no sítio arqueológico Praia das Laranjeiras II</i>.....	89
Os sepultamentos do sítio Praia das Laranjeiras II.....	92
Os acompanhamentos funerários do sítio Praia das Laranjeiras II	94

CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS.....	109
ANEXOS.....	117

INTRODUÇÃO

A partir de um movimento interdisciplinar de pesquisa, que busca tecer relações entre acervos, museus, coleções, antropologia, arqueologia e história indígena, este trabalho de conclusão de curso analisa alguns objetos integrantes de um acervo museológico de proveniência arqueológica constituído através dos trabalhos do padre jesuíta e arqueólogo João Alfredo Rohr. Provenientes de dois sítios arqueológicos pré-coloniais do litoral central de Santa Catarina, Caiacanga-Mirim¹ e Praia das Laranjeiras II², os objetos são classificados como *acompanhamentos funerários*, pois faziam parte de contextos arqueológicos de sepultamentos humanos.

O material arqueológico estudado integra a “Coleção Arqueológica Pe. João Alfredo Rohr”³ e está localizado em parte no Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, SJ”, nas dependências do Colégio Catarinense (Florianópolis/SC), assim como no Museu Arqueológico do Complexo Ambiental Cyro Gevaerd

¹ O sítio arqueológico localizado na Ponta Caiacanga-Mirim é também denominado “Base Aérea”. Recebeu esta denominação por se encontrar dentro de terrenos pertencentes à Base Aérea de Florianópolis (Fossari, 2004, p. 211). A BAFL é uma Organização Militar da Força Aérea Brasileira.

² A análise dos sepultamentos e dos acompanhamentos funerários do sítio Praia das Laranjeiras II foi tema de minha dissertação de mestrado em Antropologia Social (Marques, 2017). Nela, realizei um estudo de parte da *Coleção Arqueológica Pe. João Alfredo Rohr* e desenvolvi uma análise sobre os esqueletos e os objetos associados a eles. Ao longo do mestrado surgiram várias questões referentes ao tema central da pesquisa que não puderam ser desenvolvidas. Algumas delas foram melhor pensadas e definidas para que eu pudesse realizar um recorte para compor este trabalho de conclusão de curso. Neste TCC, então, parto de uma questão que surgiu durante o mestrado e pretendo abordar aqui a partir da pesquisa realizada para a dissertação. Utilizo muitas referências e ideias da dissertação, sendo que em alguns momentos a cito diretamente, mas na maior parte das vezes, trago ao texto alguns conteúdos desenvolvidos nela.

³ A *Coleção Arqueológica Pe. João Alfredo Rohr* é resultado de anos de trabalho e pesquisa do Pe. Rohr em território catarinense. Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1986, a coleção possui mais de 80 mil peças dentre materiais líticos, ósseos, conchíferos e cerâmicos dos povos indígenas antigos de Santa Catarina.

(Balneário Camboriú/SC). Além desses locais, parte do material encontra-se em Brasília, e integra uma coleção doada⁴ por Rohr, em vida, para a Academia Nacional da Polícia Federal (Brasília/DF)⁵.

A ideia deste trabalho de conclusão de curso é estudar, a partir de uma coleção, objetos que fazem parte de contextos funerários arqueológicos de dois sítios, escavados pelo Pe. Rohr em épocas diferentes e com metodologias distintas. O trabalho pretende abordar, comparativamente, a classificação dos objetos funerários realizada pelo Padre Rohr, assim como pensar sobre questões que envolvem sua trajetória de pesquisa, a formação da sua Coleção Arqueológica, e uma reflexão sobre a possibilidade de análise das práticas funerárias nos dois sítios a partir dos acompanhamentos.

Para iniciar a introdução sobre a ideia principal do TCC, trato de um tema central para a Museologia, os *objetos*. Nos estudos museológicos, em geral, buscamos analisar e entender a relação das pessoas com os objetos e as diversas relações possíveis envolvidas nesse contexto. Estudar objetos é, de certo modo, estudar pessoas, seus comportamentos, seus modos de ser e estar nesse mundo mediado por objetos.

O mundo dos objetos é, para além de físico e material, um mundo humano de relações, pois assim como as pessoas produzem os objetos,

⁴ Esta coleção é composta por variados artefatos provenientes de sítios arqueológicos de grupos de caçadores-coletores, de pescadores-caçadores-coletores, de ceramistas dos povos Jê e dos ceramistas Tupi-Guarani, localizados em Santa Catarina, assim como artefatos de sítios na Ilha de Marajó, no estado do Pará. Pe. Rohr doou, em vida, peças arqueológicas para a Academia Nacional da Polícia Federal em Brasília/DF: a doação ocorreu em duas etapas, sendo 30 peças doadas em 1977 e 136 peças doadas em 1981. Essas peças fazem parte da *Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr*, já citada, tombada pelo IPHAN em 1986. De acordo com as informações do IPHAN/DF, parte das peças foi exposta ao público pela primeira vez em uma exposição, na Sede do IPHAN em Brasília, intitulada “Patrimônio Arqueológico no Planalto Central” (de 29 de julho a 30 de setembro de 2016).

⁵ De acordo com informações do IPHAN/DF a coleção doada vai ser transferida para o Museu de Geociências da Universidade de Brasília/UnB, que passará a ter sua guarda. Recentemente o IPHAN publicou um catálogo desta coleção, contendo imagens e informações sobre os objetos que a compõem (“Coleção Arqueológica Pe. João Alfredo Rohr em Brasília”, organizado por Margareth Souza, 2018).

os objetos também fazem parte, através de seus processos de produção (as técnicas), da produção das pessoas. Objetos também identificam, demarcam status, produzem sentido, modificam categorias, ativam memórias, participam e marcam saberes e fazeres, mediam a relação dos humanos com o mundo, dentre tantas outras potencialidades.

Seus usos, significados, ressignificações muitas vezes não podem ser identificados pelos estudiosos dos grupos humanos em seus registros arqueológicos. No entanto, é preciso levar em consideração a potência dos objetos na vida das pessoas e levar a sério o papel dos objetos nas existências humanas.

Os objetos materiais estão estreitamente relacionados à vida das pessoas, eles são fundamentais vínculos entre elas e possibilitam distintos tipos de relações em um coletivo. Desta maneira, de acordo com Gonçalves, o entendimento antropológico das mais diversas formas de vida social e cultural implica necessariamente na consideração de objetos materiais (Gonçalves, 2007).

Os objetos, existindo como partes integrantes de sistemas classificatórios, são categorias materializadas. Constituir classificações assegura aos objetos materiais não somente o poder de estabilizar e tornar visíveis determinadas categorias socioculturais, “demarcando fronteiras entre estas, como também o poder, não menos importante, de constituir sensivelmente formas específicas de subjetividade individual e coletiva” (Gonçalves, 2007, p. 8).

Para pensar os objetos arqueológicos funerários, que são o foco desta pesquisa, podemos analisar vários aspectos. Uma das possibilidades seria pensar o próprio fazer dos objetos, seus processos de produção, as *técnicas* em sua produção. Técnicas em um sentido não apenas material, de uma ação sobre a matéria, mas técnicas no sentido ideário, de um saber-fazer que envolve conhecimentos, representações, valores e habilidades (Schlanger, 2005). Para estudar objetos de grupos humanos específicos podemos olhar para a *cadeia operatória* desses objetos, o que pode contribuir para formular uma visão mais refinada sobre os artefatos e permitir “uma maior caracterização quanto ao grupo e possíveis comparações entre materiais compatíveis de distintas regiões” (Silva, 2013, p. 34).

Segundo os autores Thévenet e colaboradores (2014), no âmbito do estudo dos sistemas técnicos, foi André Leroi-Gourhan quem introduziu o conceito de *cadeia operatória*. Ela pode ser entendida como uma ferramenta analítica desenvolvida para o estudo de processos assegurando a transformação de uma matéria-prima em um produto

final, seja essa matéria viva ou inerte. A noção de cadeia implica sucessão, mas especialmente na interação dos diferentes elementos que a constituem e implica em um tempo dividido em várias etapas, divididas em sequências, correspondendo a uma mudança de estado da matéria conduzida por um agente. Nesse sentido, a cadeia operatória é uma ferramenta versátil que pode ser aplicada a uma variedade de processos, incluindo o caso da morte de um indivíduo e seu funeral em que funções técnicas e “religiosas”, podemos assim dizer, estão totalmente interligadas por aqueles que o realizam (Thévenet et al., 2014, p. 7).

O conceito de *cadeia operatória* pode ser simplificado como um conjunto de operações realizadas por um grupo, visando uma ação sobre a matéria. É um saber-fazer – tanto prático quanto ideário – imbuído de eficácia, e cronologicamente ordenado. A definição de cadeia operatória, segundo Schlanger (2005), se refere à classe dos processos que ocorrem a partir do momento em que se seleciona e formatiza a matéria-prima até convertê-la em produtos culturais. A cadeia operatória permitiria, para o autor, afirmar que os sistemas técnicos são compostos de elementos fundamentais que não apenas os instrumentos, as matérias-primas, a energia, as possibilidades físicas e ambientais, mas também o conhecimento, as habilidades, os valores e as representações simbólicas que estão em jogo nesse processo (Schlanger, 2005, pp. 25-31). É importante apontar que a cadeia operatória é uma ferramenta metodológica, e, portanto, arbitrária, ou seja, é uma construção do pesquisador, antropólogo ou arqueólogo. Não sendo uma realidade intrínseca, ela serve para permitir que se perceba aquilo que está emaranhado no material nos processos de fabricação dos objetos.

Um estudo sobre técnicas, em termos antropológicos e arqueológicos, considera não apenas as produções materiais dos grupos humanos que estuda, seus objetos e descrições estritamente materiais (propriedades físico-químicas), como também as práticas, os gestos, os usos e as ações realizadas em função desses objetos. Propõe-se pensar a partir de um viés de estudo da cultura material que leva em consideração a morfologia dos objetos, mas que analisa, especialmente, a “vida social” desses acompanhamentos funerários e suas dinâmicas históricas e culturais. Utilizar alguns aportes desse viés para analisar os acompanhamentos funerários pode trazer contribuições interessantes ao tema, uma vez que proporciona um movimento reflexivo abrangente ao conceber a técnica como uma entrada privilegiada para entender os

fenômenos sociais, uma vez que as representações técnicas fazem parte de *sistemas simbólicos* (Lemmonier, 1993).

Assim como outras atividades sociais, os funerais e os gestos funerários podem ser entendidos por uma leitura técnica, pois são também parte da cultura material. A morte de um indivíduo dá origem a um cadáver, que precisa de um "tratamento", o que, nesse sentido, implica na implementação de várias técnicas. A cadeia operatória funerária, nesse sentido, é uma ferramenta eficaz para entender a maneira pela qual a sociedade lida com seus mortos e realiza seu discurso particular sobre a morte (Thévenet et al., 2014, p. 7).

Afirmar que os objetos materiais estão ligados à vida das pessoas implica em considerar todos os aspectos da vida e da existência humana, inclusive da própria morte dos indivíduos. Os objetos materiais, nesse sentido, também estão relacionados à morte das pessoas e aqueles que recebem o estatuto de acompanhamentos funerários são parte fundamental de práticas efetuadas pelos vivos sobre os mortos e podem incitar análises e reflexões sobre os grupos humanos.

Com o intuito de tratar de uma temática referente à história indígena do litoral de Santa Catarina, a partir de vestígios funerários arqueológicos de populações pré-coloniais localizados em instituições museológicas, o presente trabalho busca evidenciar a importância de uma história inscrita nos objetos materiais – especificamente na cultura material funerária – e que data de períodos anteriores à Conquista e à chegada dos colonizadores europeus na região. Através do estudo arqueológico dos sepultamentos desses grupos pretéritos, especialmente dos acompanhamentos funerários que integram coleções museológicas, pretende-se, a partir de interpretações antropológicas, perceber possíveis práticas e relações que nos permitam chegar mais perto desses grupos indígenas.

A partir do acervo museológico e dos dados fornecidos pela documentação e pelas publicações do Pe. Rohr e do Instituto Anchieta de Pesquisas, o estudo apresenta uma análise dos acompanhamentos funerários dos sítios e, também, da metodologia utilizada pelo Pe. Rohr nas escavações que deram origem a esse material arqueológico. Algumas das intenções da pesquisa, então, podem ser assim descritas:

a) pensar museologicamente sobre objetos e suas relações com as pessoas - que os produziram - em um contexto arqueológico específico, assim como sobre a resignificação pela qual os objetos passam a ter ao integrar coleções museológicas, se tornar acervo de museu. Especialmente tratar, de forma comparativa, das metodologias distintas

utilizadas pelo Pe. Rohr nas diferentes escavações que deram origem aos dados arqueológicos dos acompanhamentos funerários nos sítios Caiacanga-Mirim e Praia das Laranjeiras II;

b) contribuir com informações que apontam para um caminho que amplia as análises e estudos sobre grupos indígenas antigos e para a escrita de uma história indígena do litoral catarinense a partir de objetos arqueológicos constituintes de acervos de museus e coleções museológicas;

c) pensar sobre as coleções museológicas e seus potenciais de pesquisa, muitas vezes pouco explorados, ou sub-aproveitados pelos pesquisadores;

d) pensar de que maneira as relações entre vivos e mortos, materializadas nas práticas funerárias e nos objetos associados aos sepultamentos, podem nos apontar indícios importantes sobre o modo de vida - e de morte - desses grupos indígenas pretéritos;

e) descrever parte do material associado aos sepultamentos indicando sua tipologia e apresentando fotografias (quando disponíveis).

A partir de leituras e discussões acerca de estudos antropológicos, arqueológicos e museológicos, foi delineado um caminho para pensar os acompanhamentos funerários dos sítios arqueológicos em questão, que além de objetos de teor *sagrado* (no sentido de serem parte de sepultamentos humanos), são objetos que foram e são ressignificados enquanto objetos integrantes de coleções museológicas. Tais objetos não estão mais em seus lugares de origem e passaram a ter um estatuto diferenciado - aquele que recebem os objetos de museu - ao integrarem uma coleção, que, por sua vez, foi produzida através de contextos que envolvem metodologias específicas de coleta, em diferentes épocas e em condições distintas. Em suma, os acompanhamentos funerários são entendidos, nesse sentido, como objetos que remetem a *relações*.

Para o desenvolvimento da pesquisa, assim como aos materiais arqueológicos, obtive acesso à parte da documentação original das escavações, quando existentes: os diários de campo, as fichas de registro de sepultamentos, as anotações gerais do Pe. Rohr e as fotografias das escavações. A partir do acesso ao material, à documentação de pesquisa de Rohr e as publicações referentes à escavação destes sítios arqueológicos, pude realizar a análise dos objetos e perceber as diferenças de metodologias das duas épocas de pesquisa do Pe. Rohr: a fase inicial, no final da década de 1950, e uma fase posterior, nos anos 1970.

A escavação do sítio Caiacanga-Mirim marca o início dos trabalhos de Rohr enquanto arqueólogo em campo. Trata-se de sua primeira escavação, em 1958, em que realizou um salvamento no sítio arqueológico que estava sendo destruído por operários da Base Aérea de Florianópolis, em função de obras no espaço do sítio. A escavação do sítio Praia das Laranjeiras II, por outro lado, foi empreendida de maneira diferente, dividida em etapas e com metodologia mais elaborada, em que Rohr, mais experiente enquanto arqueólogo, trilhou outros caminhos de registro e de estudo dos materiais arqueológicos provenientes das escavações.

O trabalho, após esta introdução, está dividido em três capítulos. O *Capítulo 1*, intitulado “Padre Rohr, a formação da *Coleção Arqueológica Pe. João Alfredo Rohr* e a constituição do Museu do Homem do Sambaqui” apresenta um pouco dos trabalhos e das pesquisas do padre jesuíta João Alfredo Rohr e sua importância para a arqueologia brasileira. Traz um breve histórico de sua atuação e pesquisas em sítios arqueológicos de Santa Catarina nos mais de 20 anos de dedicação a essa área. Trata também da constituição do Museu do Homem do Sambaqui e da formação da *Coleção Arqueológica Pe. João Alfredo Rohr*, uma coleção que foi tombada na década de 1980 em âmbito federal e estadual.

O *Capítulo 2*, “Acervo museológico e coleções arqueológicas: um referencial teórico para pensar a *Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr* e seus acompanhamentos funerários”, vai tratar de alguns conceitos e referências desta pesquisa, e trazer definições de termos como museu, acervo, coleções, sepultamentos, acompanhamentos funerários. Este capítulo traz os conceitos que embasam a pesquisa e aborda a questão interdisciplinar desse TCC, que buscou realizar, posso assim dizer, uma antropologia dos acervos, um estudo que pensasse objetos que integram coleções para estudar grupos indígenas pretéritos a partir de seus sepultamentos.

Já o *Capítulo 3*, “Estudo de acervo: os acompanhamentos funerários dos sepultamentos em *Caiacanga-Mirim* e *Praia das Laranjeiras II*”, traz a caracterização dos sítios arqueológicos, os dados sobre os sepultamentos evidenciados, assim como a análise propriamente dita dos objetos funerários classificados como acompanhamentos dos sepultamentos nos dois sítios. Caiacanga-Mirim e Praia das Laranjeiras II são sítios arqueológicos privilegiados no litoral em que podemos pensar sobre práticas funerárias dos grupos

indígenas pretéritos por apresentarem contextos funerários significativos.

Por fim, as *Considerações finais* trazem um pouco do que foi trabalhado e discutido ao longo do texto e finalizam a discussão deste trabalho de conclusão de curso.

CAPÍTULO 1 – Padre Rohr, a formação da *Coleção Arqueológica Pe. João Alfredo Rohr* e a constituição do Museu do Homem do Sambaqui

1.1 Trajetória do padre arqueólogo João Alfredo Rohr e breve histórico do Museu

João Alfredo Rohr (1908-1984) foi um jesuíta que dedicou quase 40 anos de sua vida à arqueologia, sendo considerado o “pai da arqueologia catarinense” (Comerlato, 2014). Rohr era gaúcho, nascido em uma família de tradição alemã, em 18 de setembro de 1908, em Arroio do Meio. Realizou sua formação em Filosofia e Teologia, o noviciado e estudos humanísticos em instituições jesuíticas nos municípios de São Leopoldo e Pareci Novo (Schmitz, 1984, p. 11)⁶.

Rohr fazia parte da primeira geração de jesuítas brasileiros formados em instituições locais no Rio Grande do Sul que se propunham a uma série de tarefas. Dentre elas, no atendimento de paróquias de descendentes de imigrantes alemães, na missão entre os índios do Mato Grosso, nos seminários de formação de novos sacerdotes e nos colégios de Porto Alegre e Florianópolis, onde procuravam formar elites intelectuais e sociais da classe média urbana (Schmitz, 2009, p. 11).

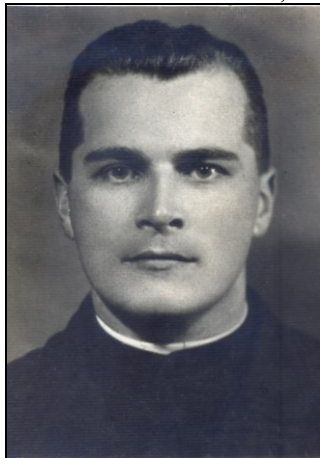
Em 1927 entrou no noviciado e fez seus votos religiosos dois anos depois, sendo ordenado sacerdote em 30 de novembro de 1939. Assim que completou seus estudos de Filosofia, foi encaminhado para as primeiras experiências em uma comunidade, onde atendia seminaristas e dava aulas de Aritmética, Italiano e História Natural. No mesmo local atendeu ao museu existente na instituição, que reunia amostras do reino mineral, vegetal, animal e humano (Schmitz, 1984, pp. 11-12). Rohr iniciou sua carreira de cientista como botânico, enquanto era aluno do Seminário Central de São Leopoldo (1937-1940),

⁶ Grande parte das referências utilizadas aqui sobre a vida e trajetória do Pe. Rohr são provenientes de publicações do Pe. Pedro Ignácio Schmitz, também jesuíta e arqueólogo, sucessor intelectual de Rohr. Pe. Schmitz foi um dos fundadores da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), atua na área de arqueologia, também é antropólogo e dirige o Instituto Anchieta de Pesquisas, na UNISINOS, em São Leopoldo/RS.

lá trabalhava herborizando e catalogando pteridófitas e orquídeas⁷(Reitz, 1984, p 20).

A chegada de Rohr a Florianópolis foi em 1941. Aos 33 anos, ordenado sacerdote, começou a trabalhar no Colégio Catarinense, onde exerceu diversas atribuições: professor, regente de classe, diretor, assistente religioso, confessor e, ainda, pesquisador. O Colégio era uma comunidade educacional fundamentalmente masculina naquela época (Schmitz, 1984, p. 12) e nele padre Rohr lecionou Química, Física e Ciências Naturais de 1942 a 1964. Após sua retirada do magistério, passou a se dedicar ao Museu de História Natural, Física e Química, que já existia no Colégio Catarinense. Anos depois, em 1964, este museu viria a se tornar o Museu do Homem do Sambaqui. Durante parte de sua vida em Florianópolis Rohr atuou em pesquisas botânicas, tendo formado um orquidário no Colégio Catarinense. Realizou diversas saídas de campo, algumas custeadas com suas economias da bolsa de pesquisador que recebia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Reitz, 1984, p. 20).

Figura 1 - Padre João Alfredo Rohr, SJ (sem data)



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

⁷ Durante o período dedicado às pesquisas botânicas, Pe. Rohr descobriu novas espécies de orquídeas em Santa Catarina: *Catasetum rohrii* Pabst, *Pleurothallis rohrii* Pabst e *Octomeria rohrii* Pabst. As espécies foram assim denominadas em sua homenagem (Reitz, 1984, p. 20).

Nessa época, o Pe. Balduino Rambo⁸ passou a orientar João Alfredo Rohr indicando que ele se dedicasse exclusivamente ao inventariado e à pesquisa dos inúmeros sítios arqueológicos de Santa Catarina (Reitz, 1984, p. 20). Foi a partir da década de 1950, então, época em que ainda não se ensinava arqueologia nas universidades brasileiras, que Pe. Rohr passou a dedicar-se à pesquisa arqueológica. Ele contribuiu com vários avanços em termos teórico-metodológicos na área da arqueologia, e sua obra está em sintonia e se aproxima de uma arqueologia preocupada não apenas em recuperar e registrar objetos e restos humanos do passado, mas, sobretudo, em tentar contextualizar e fazer inferências que permitam compreender os comportamentos e os processos socioculturais vivenciados pelas populações humanas, cujos vestígios são as evidências arqueológicas disponíveis (Reis & Fossari, 2009, p. 288).

Padre Rohr não era um arqueólogo acadêmico, nem arqueólogo teórico, mas, de acordo com Pe. Pedro Ignácio Schmitz, era “arqueólogo das primeiras tarefas: reconhecer e caracterizar, salvar e preservar os sítios arqueológicos e seus materiais” (Schmitz, 2009, p. 20). Era um período em que se começava a tratar da temática da preservação de sítios arqueológicos no Brasil, “principalmente os sambaquis litorâneos, que iam sendo demolidos num florescente negócio de produção de cal, de adubo e de pavimentação de estradas” (Schmitz, 2009, p. 16). Nessa época, os professores Paulo Duarte, da Universidade de São Paulo, e José Loureiro Fernandes, da Universidade Federal do Paraná, traziam arqueólogos estrangeiros para pesquisar no Brasil, o que possibilitava a universitários brasileiros aprenderem com esses trabalhos.

A contribuição do Pe. Rohr para a arqueologia catarinense e brasileira é inestimável: ele registrou e cadastrou cerca de 400 sítios arqueológicos, sendo este o levantamento mais extensivo ocorrido na história da arqueologia catarinense (Reis & Fossari, 2009, pp. 265-266).

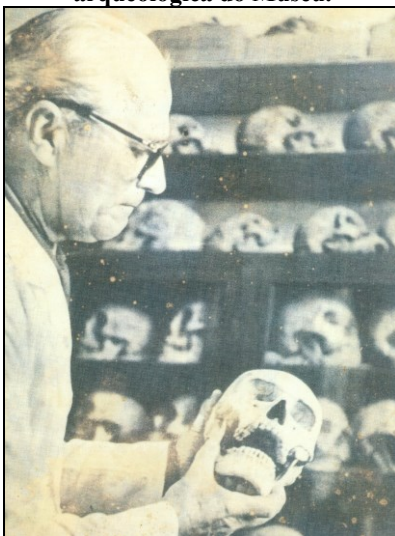
⁸ O padre jesuíta Balduino Rambo era Diretor do *Herbarium* Anchieta e professor de Antropologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Naquela época considerou que os levantamentos botânicos em Santa Catarina já estavam sendo bem encaminhados através das atividades do Herbário “Barbosa Rodrigues”, em Itajaí/SC, fundado em 1942. Raulino Reitz aponta que, a partir desta consideração, Pe. Rambo incentivou Pe. Rohr a decidir sobre sua nova área de pesquisa, a arqueologia

Pe. Rohr ganhou maior notoriedade devido a suas ações em defesa de sítios arqueológicos, especialmente dos sambaquis do litoral catarinense, tornando-se, nos anos 1970, representante do IPHAN para a área de arqueologia em Santa Catarina (Comerlato, 2014, p. 18). Sua determinação em proteger os sítios da destruição avassaladora que ocorria na época, no entanto, lhe trouxe muitos dissabores, pois suas ações conflitavam com interesses econômicos de uma época em que o Brasil encontrava-se em plena Ditadura Militar (Fossari e Amaral, 2014, p. 23). João A. Rohr, no entanto, mesmo tendo enfrentado problemas com prefeituras, governos e figuras da época, não desistiu de sua tarefa.

Dentre os resultados de anos de escavações e do trabalho realizado pelo Pe. Rohr destaca-se a formação de uma coleção, denominada *Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr*, que possui relevância histórica e patrimonial, tendo sido tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e pela Fundação Catarinense de Cultura na década de 1980. Esta coleção está localizada em alguns museus e instituições: no Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, SJ”, nas dependências do Colégio Catarinense, em Florianópolis/SC; no Museu Arqueológico localizado no Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, no município de Balneário Camboriú/SC; e na Academia Nacional de Polícia Federal, em Brasília/DF.

A obra do Pe. Rohr e o acervo constituído a partir de suas pesquisas, além de demonstrar a importância do papel dos jesuítas na produção científica brasileira, possuem enorme potencial investigativo e são expressivo campo para os estudos não apenas antropológicos e arqueológicos, como também botânicos, etnológicos e museológicos.

Figura 2 - João Alfredo Rohr analisando um crânio humano da coleção arqueológica do Museu.



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, SJ”

O Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, SJ” é uma das mais importantes instituições do Brasil na área de arqueologia. Trata-se de um importante acervo nessa área, no entanto, para além da arqueologia, o Museu agrega distintas tipologias de acervos, sendo constituídos por seis coleções. O Museu está localizado no Colégio Catarinense, no centro de Florianópolis. Inaugurado em 1964, é a primeira instituição especializada em pesquisas arqueológicas no estado de Santa Catarina (Comerlato, 2014, p. 14), e grande parte do acervo arqueológico do museu é proveniente das pesquisas do Pe. Rohr.

Seu acervo é formado por distintas coleções: Coleção Arqueológica (composta por artefatos líticos, cerâmicos, ósseos, malacológicos, e esqueletos humanos); Coleção Etnológica (composto por objetos de várias etnias indígenas); Coleção Zootécnica (animais taxidermizados, dentre aves, mamíferos tanto terrestres quanto marinhos, répteis); Coleção Numismática (moedas e cédulas brasileiras); Coleção Geológica (possui diversas rochas ígneas, sedimentares e metamórficas); Coleção Malacológica (compõem-se de

variadas espécies de conchas de moluscos); Coleção Vestes litúrgicas (vestimentas e objetos do culto religioso dos jesuítas).

O Museu possui visitação gratuita e atende turmas de escolas públicas e privadas, além de receber pesquisadores e visitantes de vários lugares do mundo.

1.2 Forma o da Cole o Arqueológica João Alfredo Rohr

Os materiais arqueológicos provenientes dos sítios Caiacanga-Mirim e Praia das Laranjeiras II são integrantes da Cole o Arqueológica João Alfredo Rohr, uma cole o tombada em nível estadual e federal: pela Funda o Catarinense de Cultura⁹, em 1984 e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1986¹⁰. De acordo com o site do IPHAN e com Schmitz (2009, p. 13), a Cole o cont m cerca de 8.000 objetos dos povos associados aos sambaquis, cerca de 80.000 fragmentos e algumas vasilhas de cerâmica dos  ndios Guarani.

  interessante notar o próprio nome da Cole o, que está registrada no IPHAN como “Cole o Arqueológica João Alfredo Rohr”, e na Funda o Catarinense de Cultura, como “Acervo Antropológico do

⁹ A Cole o foi tombada pela FCC em 1984, com o nome “Acervo Antropológico do Pe. João Alfredo Rohr, SJ”. Número do processo 004/1984 e Portaria de tombamento n  056, de 14/11/1984. Fonte: Site Infopatrim nio, <http://www.infopatrimonio.org/?p=20911#!/map=38329&loc=-27.588904000000007,-48.55390200000001,17> ( ltimo acesso em setembro de 2018)

¹⁰ A Cole o foi tombada pelo IPHAN em 1986 (número de processo: 1129-T-84). O registro do tombamento está no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, Inscr. n  91, de 18/04/1985. Fonte: Site do IPHAN, <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=4854> ( ltimo acesso em setembro de 2018).   possível ter acesso a todo o processo de registro do tombamento da Cole o no acervo digital do IPHAN, cujo link   http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/handle/123456789/4806?discover?rpp=10&etal=0&filtertype_0=title&filtertype_1=subject&filtertype_2=spatial&filter_relational_operator_1=equals&filter_relational_operator_0=equals&filter_2=Florian%C3%B3polis%2C+Santa+Catarina+%28SC%29&filter_1=Tombamento&filter_relational_operator_2=equals&filter_0=Cole%C3%A7%C3%A3o+Arqueol%C3%B3gica+Jo%C3%A3o+Alfredo+R%C3%B6hr ( ltimo acesso em setembro de 2018).

Pe. João Alfredo Rohr, SJ”. São distintas maneiras de classificar a mesma coleção e que dizem respeito ao principal tema da coleção, o legado dos povos indígenas no sul do Brasil.

A Coleção possui uma tipologia diversificada de artefatos, ecofatos e remanescentes ósseos humanos, provenientes das escavações e pesquisas do próprio Pe. Rohr, iniciadas na década de 1950. No entanto, grande parte do material que compõe a “Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr” provém de outra coleção, a Coleção Carlos Berenhauer, que foi adquirida por compra por Rohr em 1948. Esta coleção¹¹ foi formada durante 40 anos por Carlos Berenhauer, um comerciante de tecidos em Florianópolis, que trocava pedaços de tecidos com os moradores locais pelas peças arqueológicas que encontravam na região.

Figura 3 - Objetos da Coleção Berenhauer, 1948



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

¹¹ A Coleção Berenhauer, além de material arqueológico, incluía alguns livros que passaram a fazer parte da biblioteca particular do Pe. Rohr (comunicação pessoal com funcionária do Arquivo do Colégio Catarinense).

As pesquisas e escavações¹² realizadas pelo Pe. Rohr que formaram a Coleção Arqueológica foram empreendidas em diversos locais de Santa Catarina, tendo início em 1958, com a escavação do sítio Caiacanga-Mirim, na Base Aérea de Florianópolis. Em 1959, Rohr se dedica a alguns sambaquis da Ilha de Santa Catarina: na Ressacada (5 sítios), no Rio Tavares (5 sítios) e no Rio Vermelho (3 sítios). No ano seguinte, 1960, estuda quatro sambaquis, também em Florianópolis, no Canto da Lagoa e no Rio Vermelho – ali realizando a escavação de parte do sítio Praia Grande.

Em 1961, retoma as escavações no Rio Vermelho, escavando mais uma parte do sambaqui da Praia Grande. Depois disso passa a estudar 10 sambaquis no vale do Rio D’Una, no município de Imbituba. Na década de 1960, ainda, durante os anos de 1962 a 1967, Pe. Rohr dedicou-se à escavação do sítio Praia da Tapera, no sul da Ilha de Santa Catarina. No ano de 1966, estuda 53 sítios arqueológicos no município de Itapiranga, extremo oeste de Santa Catarina. Nos anos de 1966, 1967, 1970 e 1971, passa a dar atenção ao Planalto Catarinense, onde localizou 111 sítios arqueológicos nos municípios de Urubici, Petrolândia, Bom Retiro e Alfredo Wagner.

Figura 4 - Pe. Rohr em escavação no sítio Caiacanga-Mirim, na Base Aérea de Florianópolis, 1958



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

¹² As informações sobre o histórico das pesquisas de Rohr foram retiradas da publicação de Schmitz, 2009.

Nos anos de 1967, 1968 e 1969, Pe. Rohr parte para o sul do Estado, a fim de realizar um levantamento dos sambaquis de Jaguaruna. Em 1968, ainda, estuda os petroglifos da Ilha de Santa Catarina e ilhas vizinhas. Nos anos de 1969 e 1974 Rohr escava um sítio na Armação do Sul, Florianópolis. Em 1971 realiza a escavação de um sítio no Balneário de Cabeçadas, em Itajaí. No ano de 1975 escavou sambaquis na Praia do Pântano do Sul, Florianópolis. Entre os anos de 1977 e 1979, estuda e escava dois sítios na Praia das Laranjeiras em Balneário Camboriú. As últimas pesquisas de Rohr, em 1982, foram escavações no sambaqui da Balsinha I, em Imbituba. Além disso, realizou o estudo de 15 sítios arqueológicos no município de Urussanga.

CAPÍTULO 2 – Acervo museológico e coleções arqueológicas: um referencial teórico para pensar a *Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr* e seus acompanhamentos funerários

Esse capítulo vai tratar de alguns conceitos utilizados no trabalho. Acervo, coleção, sepultamentos, estruturas funerárias e acompanhamentos funerários são termos trabalhados nessa pesquisa e remetem a uma temática interdisciplinar, especialmente entre museologia, antropologia e arqueologia.

Pensar esses conceitos e definições é interessante para pensarmos os objetos e os contextos trabalhados nesta monografia. Os acompanhamentos funerários são, antes de tudo, objetos classificados como “objetos sagrados” por estarem diretamente vinculados a sepultamentos humanos. Eles foram retirados de seus contextos originais, durante as escavações arqueológicas, e ganharam novos sentidos e outro *status* ao integrarem acervos de museus e instituições de guarda. Esse novo estatuto, no entanto, não invalidou nem fez com que perdessem seu viés de objeto sagrado, mesmo que tenhamos atribuído a eles sentidos e significados distintos dos originais¹³.

Sem esquecer que aqui tratamos de objetos produzidos por grupos indígenas pretéritos, podemos pensar que é possível estudá-los, mesmo que em parte, a partir de seus objetos materiais para pensarmos em suas histórias e trajetórias enquanto humanos no mundo. A temática indígena vista a partir de objetos que formam coleções, portanto, pode ser um campo privilegiado de estudos para pensar sobre suas lógicas e modos de ser e estar no mundo.

Nesse sentido, considero que este trabalho se baseia na realização de uma “antropologia dos acervos”. Utilizo essa expressão para me referir a um tipo de estudo das coleções e acervos que considera não apenas os objetos em si, mas todo o contexto de produção, uso,

¹³ Em se tratando de objetos arqueológicos, coletados em escavações de sítios de grupos humanos que não estão mais vivos, não é possível identificar os significados e sentidos atribuídos pelos próprios produtores desses objetos. Podemos inferir, no entanto, que, por integrarem contextos funerários, seriam, possivelmente, objetos de cunho especial, o que chamamos de “sagrado” ou até mesmo “sensível”, por acompanharem um indivíduo morto em seu sepultamento. Trata-se de uma classificação nossa que pode ser diferente da classificaçãoêmica desses indivíduos sobre essa classe de objetos.

ressignificação e todos os outros processos possíveis de acessar que levaram os objetos a se tornar peças de acervo, seja em museus, coleções ou outras instituições museológicas.

Um estudo de acervo é, não apenas um resgate de análise dos objetos, com um novo olhar para as coleções, mas uma maneira de analisar em outro contexto e com outras metodologias, objetos que foram coletados, selecionados e guardados em outro tempo, com diferentes propósitos. Estudar um acervo é alargar as possibilidades de se pensar e repensar as pessoas a partir de seus dos objetos: tanto aquelas pessoas que os produziram (contexto de origem) quanto aquelas que os coletaram, resignificaram e salvaguardaram (pessoas ligadas às instituições museológicas).

O intuito deste trabalho é, também, incentivar o estudo dos acervos museológicos, a reanálise de objetos e coleções que, muitas vezes, passam anos em reservas técnicas de instituições sem serem estudados e analisados. Mostro um exemplo aqui, neste TCC, de uma pesquisa que, através de uma antropologia dos acervos, procura indicar que objetos e coleções referentes a grupos indígenas pretéritos, coletados em escavações nas décadas de 1950 e 1970, podem ser revisitados e reanalisados em seus locais atuais de guarda.

2.1 Museus e seus acervos

Museu

Museus são, *grosso modo*, lugares especiais que guardam, comunicam e estudam bens materiais e imateriais que fazem parte do repertório humano no mundo. Parafraseando o antropólogo Tim Ingold, assim como “a antropologia é uma investigação sobre as condições e possibilidades da vida humana no mundo” (Ingold, 2011, p. 21), os museus são - a partir de um ponto de vista ocidental - um dos tipos de lugares privilegiados para entender, expor, guardar, preservar, estudar, conhecer, divulgar e interpretar essas condições e possibilidades de existir no mundo.

De acordo com a perspectiva museológica, podemos interpretar mundos distintos, em diferentes épocas e lugares através dos objetos. Tempos e espaços são contemplados nos museus e a suas principais ações nesse sentido são documentar, conservar e divulgar as mais variadas condições e possibilidades da vida humana no mundo a partir de seus acervos. Os museus são construções históricas, lugares de

memória e instituições de guarda que inventam e resignificam, mas que também preservam, pesquisam e comunicam os objetos de seus acervos (Coelho, 2017).

Conforme o Estatuto de Museus¹⁴, instituído pela Lei nº 11.904 (de 14 de janeiro de 2009), consideram-se museus as

instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

A definição básica de museu remete a uma instituição colecionadora, que organiza suas coleções de acordo com suas tipologias - e com as finalidades a que se destinam -, e que tem por objetivo salvaguardar e realizar ações de pesquisa e comunicação de bens culturais materiais e imateriais que fazem parte de seu acervo (Padilha, 2014, p. 17).

O museu, para além de sua função cultural, educacional e de pesquisa, possui uma função social, pois oportuniza às pessoas o acesso a uma vasta gama de produções humanas, de diversas localidades e épocas, como criações artísticas, bens materiais produzidos por comunidades, assim como formas de expressões culturais e tradições preservadas por grupos (Padilha, 2014, p. 17).

O famoso “tripé” da Museologia, como costumamos dizer, ou seja, a base da prática museológica, está na preservação, na investigação (ou pesquisa) e na comunicação. Um museu só pode estar completo e exercer sua função social se contar com esses três campos.

Museus são também lugares privilegiados para a pesquisa e a produção de ciência. Para além de locais de guarda de objetos e coleções, os museus são lugares de transformação social. Utilizamos esse trinômio de maneira a entender que, nos museus, os três estão

¹⁴ Site do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM): <http://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/> (último acesso em outubro 2018)

vinculados e que um museu não funciona bem, ou não estará cumprindo seu papel, sua função social, se não estiver afinado nesses três campos. De acordo com Julião (2006), as instituições museológicas são instituições interdisciplinares que atuam nesses três campos distintos e complementares, preservação, investigação e comunicação e que, para seu funcionamento adequado, eles são imprescindíveis. Para a autora, a importância da existência nos museus desses três campos e o equilíbrio entre eles é fundamental, pois são complementares. Segundo ela, a relação equilibrada entre eles pode assim ser posta: a preservação prolonga a vida útil dos bens culturais,

assegurando-lhes a integridade física ao longo do tempo. Não constitui um fim em si mesmo, mas um meio, cujo objetivo maior é preservar a possibilidade de acesso futuro às quais os objetos são portadores. Para que o acesso a essas informações se efetive, é necessário que ocorra um processo comunicação, no qual se estabelece uma relação entre o homem sujeito que conhece, e o bem cultural, testemunho de uma dada realidade. Ao disponibilizar seu acervo para o público, o museu constitui um dos espaços, entre outros, onde se dá a relação homem/bens culturais. A investigação por sua vez tem o papel de ampliar as possibilidades de comunicação dos bens culturais; como atividade voltada para a produção de conhecimento, ela assegura uma visão crítica sobre determinados contextos e realidades das quais o objeto é testemunha. Nesse trinômio, são a pesquisa e a comunicação que conferem sentido e atribuem uso aos objetos, justificando inclusive, a sua preservação (Julião, 2006, p. 96).

Um museu, para assim ser classificado, necessita de um acervo. No museu, os objetos que compõem o acervo podem ser adquiridos de diversas formas, como aquisição por compra, por coleta, doação, legado, empréstimo, permuta, transferência ou depósito (Padilha, 2014, p. 18). Mas não é apenas de acervo que se faz um museu: para além de um acervo, o museu também necessita de um tratamento documental desse acervo, ou seja, um sistema de documentação museológica.

Os objetos museológicos, ou seja, aqueles que integram o acervo de um museu, devem ser registrados individualmente e identificados, de acordo com Padilha, nas suas múltiplas possibilidades informacionais. A autora indica que cabe ao sistema de documentação museológica gerir e organizar o acervo de um museu a partir da entrada - processos de seleção e aquisição -, da organização e controle - em ações de registro, número de identificação/marcação, armazenagem/localização, classificação/catalogação e indexação - e das saídas - momento de recuperação e disseminação da informação - dos objetos do museu (Padilha, 2014, p. 18), processos específicos que, ao fim e ao cabo, registram a história do acervo na instituição.

A documentação museológica é imprescindível para o museu, pois através da identificação, da classificação, da organização e do levantamento de dados históricos dos objetos que integram o museu, constitui-se na base de informações sobre seu acervo (Julião, 2006, p. 97).

Acervo

Acervo, podemos assim definir, se refere a um rol de objetos e peças que englobam coleções que são seletivamente formadas.

Acervo museológico

Acervo museológico é o patrimônio cultural de uma instituição museológica, formado pelo conjunto de coleções constituídas e salvaguardadas no museu. O acervo museológico é formado por objetos bidimensionais ou tridimensionais de variadas tipologias: etnográfico, antropológico, arqueológico, artístico, histórico, botânico, imagético, virtual, sonoro, geológico, paleontológico, dentre outros tipos (Padilha, 2014, pp. 20-21).

Para se tornar parte do acervo de um museu o objeto deve passar por uma pesquisa que tenha por finalidade a identificação dele com a missão da instituição museológica. Após essa análise, o objeto “recebe intencionalmente um valor documental que admitirá sua incorporação ao acervo museológico” (Padilha, 2014, p. 19). Esse é o processo de musealização do objeto.

Há muitos motivos que levam os museus a optarem por salvar objetos em seu acervo, dentre eles por serem raros, pelo seu valor científico e cultural, pela sua antiguidade, pela sua fabricação ou pela sua preciosidade (Padilha, 2014, p. 19).

Assim que definida a entrada de um objeto no museu, o recebimento de um valor documental e a sua incorporação ao acervo museológico, o objeto passa por um processo de ressignificação de suas funções e sentidos e, ainda, necessita ser comunicado, preservado e pesquisado (Padilha, 2014, p. 19).

Acervo arqueológico

De acordo com o Dicionário do Patrimônio Cultural do IPHAN (2016), o verbete *acervo arqueológico*¹⁵, por Saladino e Polo, indica que um acervo arqueológico se refere a um conjunto de bens de interesse para a arqueologia, que tenha sido proveniente de pesquisas arqueológicas (ou com potencial para o desenvolvimento de pesquisas arqueológicas). A formação dos acervos deste tipo decorre das obrigações legais e éticas que os arqueólogos têm de “preservar os dados coletados e produzidos em suas pesquisas para as futuras gerações e com vistas à fruição do público em geral, quando for o caso” (Saladino e Polo, 2016).

Acervos arqueológicos são compostos não apenas pelos vários tipos de materiais reunidos e coletados nas pesquisas arqueológicas como também por toda a documentação referente a elas: o registro das atividades e de toda a informação associada, como mapas, desenhos e croquis, fotografias, diários de campo, amostras de solo e qualquer outro tipo de documentação. Geralmente associados ao conjunto de bens sob guarda de uma mesma instituição ou reunidos em um mesmo local físico, os acervos arqueológicos podem incluir dados de diferentes projetos de pesquisa e de diferentes sítios ou regiões (Saladino e Polo, 2016).

Além disso, um acervo arqueológico não necessariamente é formado exclusivamente por objetos coletados em pesquisas arqueológicas, podem integrar acervos arqueológicos peças obtidas por meio de doações, repatriação, achados fortuitos, e outras formas “legalmente previstas de aquisição, com o objetivo de assegurar que não sejam descartados – encontrem-se isolados ou em conjunto, com ou sem dados contextuais e associados” (Saladino e Polo, 2016).

¹⁵ Site do IPHAN:

<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/65/acervo-arqueologico> (último acesso em outubro 2018)

No contexto patrimonial brasileiro, além da *Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr*, há outras sete coleções arqueológicas tombadas em nível federal¹⁶.

2.2 Coleções

Por estar estudando materiais integrantes de uma coleção arqueológica que compõem acervos de museus, trago ao texto algumas reflexões sobre o conceito de coleção.

De acordo com Gonçalves (2007), qualquer coletividade humana se dedica a alguma atividade de colecionamento, ainda que nem todas o façam com os mesmos propósitos e segundo os mesmos valores. Para o autor, a categoria *coleção* pode ser considerada não apenas como uma categoria nativa do ocidente moderno, mas como uma categoria universal, como “uma prática cultural presente em toda e qualquer sociedade humana” (Gonçalves, 2007, p. 25). A categoria coleção, segundo ele, é formada a partir de valores e de pressupostos como “para quem” e “para quê” ela existe. Toda e qualquer coleção “pressupõe situações sociais, relações sociais de produção, circulação e consumo de

¹⁶ As coleções arqueológicas tombadas são a Coleção arqueológica do Museu da Escola Normal Justiniano de Serra, localizada em Fortaleza, no Ceará (inscrita em 1941 no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico); a Coleção Arqueológica e Etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, no Pará (inscrita em 1940 no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico); a Coleção Etnográfica, Arqueológica, Histórica e Artística do Museu Coronel David Carneiro e a Coleção Etnográfica, Arqueológica, Histórica e Artística do Museu Paranaense, localizadas em Curitiba, no Paraná (ambas inscritas em 1941 nos livros do Tombo Histórico, de Belas Artes e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico); a Coleção Arqueológica Balbino de Freitas, no município do Rio de Janeiro (inscrita em 1948 no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico); a Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr, em Florianópolis, Santa Catarina (inscrita em 1986 no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico); a Coleção Arqueológica, Etnográfica, Histórica e Artística do Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (inscrita em 1938 no Livro do Tombo de Belas Artes); e as Coleções Arqueológicas, Etnográficas, Artísticas e Históricas do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, no município de São Paulo (inscrita em 1938 no Livro do Tombo de Belas Artes).

objetos, assim como diversos sistemas de idéias e valores e sistemas de classificação que as norteiam” (Gonçalves, 2007, p. 24).

De acordo com Desvallées e Mairesse, *coleção* pode ser definida como um conjunto de objetos

materiais ou imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos, etc.) que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada (Desvallées e Mairesse, 2014, p. 32).

A coleção pode ser concebida, segundo os autores, simultaneamente “como o resultado e como a fonte de um programa científico visando à aquisição e à pesquisa, a partir de testemunhos materiais e imateriais do homem e de seu meio” (Desvallées e Mairesse, 2014, p. 33).

As coleções, enquanto “alma dos museus”, proporcionam status diferenciado às peças que integram os museus (Enciclopédia, 2018). E, segundo Clifford, a coleção contém “o que ‘merece’ ser guardado, lembrado e entesourado” (Clifford, 1994, p. 79), sem esquecer que as decisões sobre o que vai ser guardado e lembrado são fruto de escolhas que, conseqüentemente, implicam em poder e exclusões.

Uma vez que a coleção se trata de uma “reunião de objetos que conservam sua individualidade” e são “reunidos de maneira intencional, segundo uma lógica específica” (Desvallées e Mairesse, 2014, p. 35), a coleção implica em seleção e escolhas. Selecionar também é não escolher algo, excluindo objetos que não farão parte da coleção, é estabelecer categorias de objetos, critérios e lógicas específicas de classificação.

Coleções arqueológicas

Vimos até aqui que falar em coleções implica em falar sobre seleção, escolhas e recortes de mundo. Assim também é para as coleções arqueológicas, objetos que, quando evidenciados *in situ*, são

selecionados em vários níveis: o primeiro deles é a ação do tempo, que por si só é um processo seletivo, muitos bens materiais produzidos por grupos humanos do passado que estão em sítios arqueológicos não sobrevivem à ação do tempo por suas próprias características (por exemplo, artefatos produzidos com sementes, plumária e fibras vegetais - materiais orgânicos) e pelas características dos locais e solos onde estão enterrados.

Um segundo nível de seleção seriam as escavações arqueológicas, em que os arqueólogos escolhem o lugar de realização da pesquisa, e coletam do local somente alguns objetos - na maioria dos casos não é possível coletar todo o material proveniente de uma escavação em um sítio - e descartam/não coletam outros, pois as escavações são sempre parcelas e amostras do sítio arqueológico. O terceiro nível de seleção se refere ao processo de análise, em laboratório, daqueles materiais que foram coletados em campo, em que as peças passarão novamente por outra seleção, sendo algumas descartadas e, as demais, sendo higienizadas, numeradas e analisadas.

Por fim, um quarto nível de seleção seria a seleção relativa à coleção propriamente dita, a escolha de quais objetos, afinal, farão parte do rol de objetos integrantes da coleção arqueológica. Ao passar por todos esses processos, os objetos arqueológicos foram, podemos assim dizer, “aceitos”, considerados “aptos” e passam a integrar, finalmente, um conjunto de bens materiais contidos nos museus e outras instituições museológicas, denominados coleções arqueológicas.

Nesse sentido, trago o aporte de Wichers que nos recorda que para entrarem no mundo dos museus os objetos arqueológicos passaram por uma seleção, seleção esta que ela denomina de “antropofagia arqueológica”, que é “realizada por uma ‘ótica científica’ baseada na hierarquia de valores do pesquisador e no seu posicionamento” (Wichers, 2011, p. 31 e Wichers, 2016, p.52). A antropofagia arqueológica, segundo a autora,

é iniciada na coleta dos vestígios que fizeram parte da dinâmica social, econômica ou cultural das sociedades estudadas, são evidências que sobreviveram ao tempo e que conformam o contexto arqueológico. Essa antropofagia opera seleções, projetando apenas parcelas do contexto arqueológico na esfera patrimonial. No contexto museológico, os processos de salvaguarda e

comunicação desses vestígios arqueológicos, também são antropofágicos, operam recortes e têm o poder de resignificar essas evidências (Wichers, 2016, p.52).

No entanto, para um objeto arqueológico adentrar um museu é necessária, conforme argumenta Wichers, uma dupla antropofagia: para além da antropofagia arqueológica, é preciso uma antropofagia museológica, pois, segundo a autora “para que o fato museal ocorra é necessário a argumentação museal, uma antropofagia museológica” (Wichers, 2016, p.52).

Os objetos arqueológicos que compõem coleções arqueológicas podem ser denominados, de acordo com Coelho, como “acervos *ex situ*” (Coelho, 2017, p. 79). Os acervos *ex situ* são, segundo a autora, constituídos pelos vestígios arqueológicos provenientes de sítios arqueológicos - que ela classifica como acervos *in situ* - “que foram retirados ao longo do tempo e estão dispersos em coleções particulares, reservas técnicas e instituições museológicas” (Coelho, 2017). É interessante pensar as coleções arqueológicas sob essa ótica - acervos *ex situ* -, pois tais objetos vieram de certos lugares - *in situ* - e, mesmo que compunham acervos de museus, remetem inevitavelmente a sua origem, os sítios arqueológicos, que de acordo com tal perspectiva, por si só são acervos.

Segundo Saladino, é preciso admitir que aos museus de arqueologia cabe enfrentar alguns desafios. Além do desafio de “tornar significativas e ressonantes referências patrimoniais que, à primeira vista não passam de cacos de coisas feitas por uma gente desaparecida que não guarda relação alguma com a sociedade atual” (Saladino, 2017, p. 101), os museus de arqueologia tem o desafio de

elaborar discursos que, a partir da contextualização dos vestígios arqueológicos, contribuam para a reflexão sobre a condição humana e para a apropriação e valorização do patrimônio arqueológico, tudo isto a partir de experiências museais sensoriais e afetivas (Saladino, 2017, p. 101).

O ponto de vista de Saladino me parece muito interessante e entendo que é a partir dessa premissa que os museus de arqueologia

podem atuar, mesmo com as dificuldades estruturais, de desvalorização e de baixo investimento a que são submetidos.

2.3 Arqueologia funerária: pensando sepultamentos, acompanhamentos e rituais funerários

Essa pesquisa, por tratar de acompanhamentos funerários em contexto arqueológico, está relacionada ao viés investigativo da *Arqueologia funerária*, uma linha de pesquisa que analisa e interpreta informações encontradas no contexto arqueológico que remetem às práticas mortuárias de grupos humanos e busca entender as respostas desses grupos diante do fenômeno da morte (Silva, 2005).

Os vestígios funerários propiciam, de acordo com Silva, dados mortuários que “revelam importantes informações sobre a variação dos acompanhamentos funerários, cronologia, idade e sexo, formas de assentamento, subsistência e indicadores de diversidade e complexidade social e de continuidade ou mudança social” (Silva, 2005, p. 16). O estudo dos sepultamentos de um grupo cultural é importante, ainda, pois a partir dos restos humanos e seus acompanhamentos funerários, “bem como sua forma de deposição, podemos inferir as características técnicas, operacionais do comportamento funerário intra e inter sítios” (Silva, 2005, p. 18), permitindo, assim, estabelecer generalidades e diferenças sociais e culturais.

Funerais podem ser entendidos, de acordo com Thévenet e colaboradores (2014), como um conjunto de ações e gestos realizados em um nível tanto material como também imaterial. Os autores indicam que o cadáver é objeto de tratamento, e passa por uma transformação física, no entanto, para além do tangível, o funeral também possui objetivos intangíveis, como assegurar a transformação de um indivíduo membro de uma comunidade viva para uma nova comunidade, a dos mortos. Podemos analisar os funerais a partir do viés das técnicas e da cadeia operatória e, nesse sentido, a cadeia operatória funerária possui uma complexidade: ela é, ao mesmo tempo, uma transformação material no corpo do falecido, e uma transformação ideal, que diz respeito a alma do morto ou a seu princípio vital, e também o lugar que perdeu na sociedade. Para a sociedade, é preciso estabelecer a distinção entre os mortos e o cadáver. O cadáver, que é potencialmente perigoso, após ter passado pelo tratamento necessário, ganha um novo status enquanto indivíduo e vira um morto, que por sua vez, possui um status

benevolente. O morto, então, é assim construído e passa a ser identificado como um ancestral, um antepassado (Thévenet et al., 2014, pp. 7-8).

Ainda de acordo com Thévenet e colaboradores (2014), a cadeia operatória funerária pode ser organizada em várias etapas centradas no corpo e em suas mudanças progressivas que vão desde a preparação do corpo, a transformação desse corpo em cadáver, o destino dos restos mortais e a memória dos mortos. Trata-se da realização de vários passos e sequências complexas de gestos, todos essenciais para a efetiva transformação do falecido. A primeira etapa de uma cadeia operatória funerária ideal começa com o preparo do corpo, e a primeira sequência de gestos funerários que são essenciais para dar o destino adequado ao falecido. A preparação inicial do corpo pode envolver técnicas mais complexas que apenas lavar o corpo, elas podem requerer preparações mais elaboradas e demoradas, como empacotar, embrulhar, envolver o corpo (Thévenet et al., 2014, pp. 7-8).

A preparação do falecido, no entanto, não se limita ao seu traje, ornamentos ou ao local ou recipiente destinado a recebê-lo, também envolve outros processos e ações diretas no cadáver antes de ser depositado, como, por exemplo, quando o enterro é atrasado voluntariamente ou por razões especiais. Assim como a preparação do corpo, faz parte da cadeia operatória funerária a elaboração do túmulo, que está diretamente ligada à ideologia funerária particular do grupo (Thévenet et al., 2014, pp. 8-9).

A cadeia funerária, segundo os autores, tem por objetivo principal a "mineralização" do cadáver, a sua transformação em restos inertes, a partir das mais variadas maneiras e modalidades, variáveis de acordo com os grupos humanos. Essa transformação pode ocorrer de forma natural e mais ou menos lenta, no caso da decomposição do corpo que foi colocado sob a terra, ou intencional e acelerado, como no caso de uma incineração do cadáver, por exemplo (Thévenet et al., 2014, p. 9).

Muitos estudos de contextos funerários arqueológicos são embasados em dados etnológicos. Ainda que a arqueologia e a etnologia tratem desta temática e tenham acesso aos passos da cadeia operatória funerária de um grupo, elas diferem em seus meios de abordagem. Aos arqueólogos não é possível observar diretamente uma cadeia operatória funerária, mas, ao tentar encontrar uma sucessão de gestos, eles conseguem reconstituí-la a partir de seu resultado material, geralmente os restos de um enterramento. Para os etnólogos a observação difere, pois eles podem observar diretamente o processo fúnebre, a partir da

morte de um indivíduo. A partir dessa observação *in situ*, os etnólogos podem perceber situações muito específicas, como por exemplo, que o tratamento atribuído ao cadáver e o destino do morto dependem do *status* social do falecido, assim como da causa de sua morte¹⁷ (Thévenet et al., 2014, p. 9).

Por mais que o façam de formas diferentes, ambos os tipos de pesquisadores são capazes de explicar a diversidade de atitudes do grupo humanos em face da morte. Voltar o olhar para a cadeia operatória funerária permite perceber os diferentes passos e sequências de gestos que a constituem e demonstram as especificidades, as particularidades próprias de cada uma das cadeias operatórias funerárias. Além disso, é possível perceber como a sua eficiência material está associada a uma eficiência social, qual seja, a de assegurar a transformação de mortes individuais para garantir a permanência das sociedades (Thévenet et al., 2014, p. 9).

Sepultamento

Sepultamento se refere a “processos intencionais e localizados no tempo que estão diretamente relacionados com um contexto funerário” (Strauss, 2010, p. 179). Em termos arqueológicos, um sepultamento, no entanto, é uma categoria particular de vestígios materiais definida pela presença de ossos humanos. Ou seja, é a presença de ossos humanos – em conjunto e espacialmente delimitados – que faz com que uma estrutura específica evidenciada em um sítio arqueológico possa ser denominada como “sepultamento” (Strauss, 2010, p. 179).

O ato de sepultar é dotado de intencionalidades e expressa um cuidado de um grupo com seus mortos. Essa característica o torna, para os estudiosos, um local privilegiado para entender aspectos culturais, já que o morrer é tão “cultural” quanto o viver. Nesse sentido, ao analisar a morte e o tratamento funerário estamos analisando o comportamento dos

¹⁷ No entanto, é importante considerar que, mesmo aos etnólogos sendo possível a observação *in situ* de uma cadeia operatória funerária, pode haver restrições em relação àquilo que o pesquisador vai poder ver ou acessar. Dependendo do caso, nem sempre é permitido a ele assistir ou participar de todo o processo, o que indica que o pesquisador não vai ter acesso a todas informações referentes a um processo funerário, mesmo estando presente e sendo o observador direto.

vivos e não o comportamento dos mortos (Rapp Py-Daniel, 2014, p. 157).

Arqueologia funerária

A arqueologia dos contextos funerários pode ser definida como “a arqueologia das estruturas onde se encontram restos de funerais, geralmente incluindo remanescentes corporais humanos, ou seja, lugares de deposição dos mortos” (Souza, Wesolowski, Lessa, Rodrigues-Carvalho, 2013, p. 128). Essas estruturas, portanto, podem ser denominadas de estruturas funerárias.

A arqueologia funerária é entendida e utilizada por pesquisadores, não só para analisar os contextos funerários em si, mas também “como fonte inestimável para compreender a vida no passado”, uma vez que os contextos funerários são espaços privilegiados de análise, pois fornecem aos pesquisadores “a oportunidade de compreender visões sobre a vida e morte em sociedades passadas” (Klokler e Gaspar, 2013).

Junto à área de pesquisa da arqueologia funerária encontra-se a bioarqueologia, que estuda os remanescentes de corpos humanos evidenciados em sítios arqueológicos em uma perspectiva abrangente, e tem como objetivo reconstruir, a partir dos ossos, aspectos biológicos, culturais e sociais da vida, não apenas do indivíduo, como também do grupo pretérito.

Para os arqueólogos, o aspecto mais relevante de um lugar de deposição de mortos está vinculado a seu potencial para revelar gestos e práticas culturais. Entretanto, a exploração desse potencial e a quantidade de informação produzida a partir das análises das estruturas funerárias depende da evidenciação e interpretação adequada dos remanescentes arqueológicos evidenciados. O que significa identificar, além das evidências de cultura material, os restos humanos e os indícios de modificação (antrópica ou natural) nos sítios arqueológicos (Souza, Wesolowski, Lessa, Rodrigues-Carvalho, 2013, p. 131).

O estudo dos contextos funerários proporciona o acesso ou a inferência a informações variadas acerca do modo de vida e da organização social dos grupos estudados. Especialmente o estudo de remanescentes ósseos humanos, através da bioarqueologia, permite obter dados sobre o sexo e a idade dos indivíduos, a origem geográfica,

a dieta, assim como aspectos relacionados à saúde, a possíveis diferenças de *status* e, ainda, a condições físicas dos indivíduos.

Figura 5 - Estrutura funerária em escavação no sítio Praia das Laranjeiras II, Sepultamento 74. Ano 1978



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

Acompanhamentos e rituais funerários

Acompanhamentos funerários são, de acordo com Sergio Silva (2005), bens intencionalmente depositados com os mortos que fazem parte do complexo mortuário, da estrutura funerária, e representam uma parcela dos vestígios funerários encontrada próxima dos mortos, no interior da cova (Silva, 2005, p. 210). Depositados junto ao morto, esses objetos podem ser de vários tipos, podendo ser objetos cotidianos, “usados pelo falecido ou terem sido exclusivamente fabricados objetivando satisfazer interesses restritos dos vivos sobre o morto e os rituais funerários, todos vinculados ao fenômeno da morte” (Silva, 2005, p. 210). Nesse sentido, “é evidente que os acompanhamentos funerários desempenham um papel importante na interpretação das práticas mortuárias” (Sene, 2007, p. 61), já que são parte do contexto funerário.

Os acompanhamentos funerários podem ser elementos indicativos de diferenças: tanto entre sexos e idades quanto em relação ao “prestígio

social ou *status adquirido durante a vida* ou *atribuído por nascimento* (hereditário) ou *morte*” (Silva, 2005, p. 210, grifo do autor).

Da mesma forma que acontece com os vestígios arqueológicos em geral, o estado de conservação e as características deposicionais dos acompanhamentos funerários estão vinculados a fatores tafonômicos¹⁸, cujo contexto depende de processos pós-deposicionais, tanto naturais, as denominadas bioturbações, quanto culturais, ou seja, os processos antrópicos. Isso nos indica que alguns tipos de acompanhamentos funerários em um sepultamento arqueológico podem não ficar preservados devido ao caráter da matéria-prima de que foram feitos, por exemplo, materiais orgânicos como plumária e fibras vegetais, e também ao tipo de solo e outras características da deposição. Nesse sentido, é importante lembrar que o contexto funerário evidenciado pelos arqueólogos durante as escavações de um sepultamento é apenas parcial, é apenas uma parte do evento funerário e, como todo registro arqueológico, nunca é completo.

Segundo Silva a “abordagem dos esqueletos humanos e dos adornos presentes em suas sepulturas visa uma compreensão” de alguns agrupamentos humanos, “através das ações empregadas nos ritos funerários, considerando que o cuidado com o morto, reflete em muitos aspectos o grau de importância dado ao vivo” (Silva, 2013, p. 6).

O estudo dos sepultamentos de grupos indígenas pré-coloniais implica também em problematizar questões como a noção de corporalidade, que, segundo Juliana Machado, “pode ser percebida mais intensamente no momento da morte”, sendo que o corpo dos mortos “nesse contexto mostra-se como suporte preferencial das preocupações sociais” (Machado, 2005, p. 119).

De acordo com Beck os “costumes funerários permitem, sem dúvida alguma, definir muitas das manifestações culturais de sociedades extintas, cujo estudo só se torna possível através da Arqueologia pré-histórica” (Beck, 1972, p. 231). Montardo chama a atenção para o fato de que as evidências arqueológicas “constituem informações fragmentárias de comportamentos passados e que podem sofrer transformações pós-deposicionais”, mas indica que “ultrapassar tais limites com vistas à construção de conhecimento é um desafio que deve

¹⁸ Tafonômico se refere aos processos deposicionais, de decomposição e de preservação dos vestígios.

ser tentado” (Montardo, 1995, pp. 24-25). Assim como a afirmação de Beck, a afirmação de Montardo é interessante para pensar nas possibilidades e desafios que o estudo arqueológico de sepultamentos pode gerar.

O estudo dos acompanhamentos funerários em contexto arqueológico pode identificar artefatos distintos aos quais podemos atribuir categorias distintas. Por exemplo, é possível classificar os objetos a partir da categoria *instrumentos*, que seriam ferramentas e utensílios, como também da categoria *adornos*, tidos como colares, pingentes, pulseiras, braceiras, cintos, brincos, tembetás. Além disso, a análise dos acompanhamentos funerários e de outros vestígios inumados pode representar, de acordo com Silva, itens usados como adornos pessoais, itens preparados especialmente para o ritual funerário e, ainda, itens usados para fins utilitários, durante o tempo de vida do morto e não necessariamente usados por ele (Silva, 2005-2006, p. 114).

O objeto de adorno possui uma estreita relação com o corpo e em muitos casos em que são identificados em contexto funerário, de acordo com Sergio Silva, teriam a função “de portar uma mensagem de caráter social” (Silva, 2005, p. 217) e poderiam representar vínculos do corpo com esferas cosmológicas, algum nível hierárquico, uma relação de exclusividade a certa faixa etária, a algum clã, por exemplo. No entanto, Saladino, ao tratar em sua dissertação sobre contextos funerários, nos recorda que é preciso tentar evitar interpretações estritamente materialistas do contexto funerário como, por exemplo, associar o status que a pessoa sepultada tinha quando viva à riqueza de acompanhamentos funerários (Saladino, 2016, pp. 12-13). A autora indica que é preciso considerar os processos de ressignificações que ocorrem nos rituais funerários, como a questão dos objetos depositados junto aos mortos. Saladino sugere que, quando em contexto funerário uma ferramenta ou adorno pessoal “imersos na dimensão simbólica que configura este rito de passagem, adquire outros significados, não mais importando apenas as funções que eventualmente desempenhava no mundo dos vivos” (Saladino, 2016, p. 13). Nesse sentido, a autora nos coloca que é possível compreender que todos os artefatos, nas sepulturas, são rituais.

Saladino está em consonância com a percepção de que a dimensão ritual faz parte do cotidiano, não sendo acionada apenas em situações específicas. Nesse sentido, os sepultamentos devem ser entendidos como documentos fundamentais para estudarmos comportamentos que não seriam “puramente rituais”, mas práticas da

vida cotidiana dos grupos. A autora compreende os rituais funerários como “espaços privilegiados para a expressão simbólica e para a idealização da sociedade” e interpreta os adornos como elementos centrais nas interações humanas, sendo indissociáveis dos mortos e que, no entanto, também estariam presentes na cotidianidade dos vivos (Saladino, 2016, p. 224).

O estudo arqueológico dos sepultamentos de um grupo cultural é importante, ainda, pois a partir dos restos humanos e seus acompanhamentos funerários, “bem como sua forma de deposição, podemos inferir as características técnicas, operacionais do comportamento funerário intra e inter sítios” (Silva, 2005, p. 18), permitindo, assim, estabelecer generalidades e diferenças sociais e culturais. De acordo com Cristiana Barreto, ao lidar com materiais arqueológicos relacionados a rituais funerários, “estamos trabalhando em um terreno de representação das relações sociais, representação esta que reflete concepções de vida, de morte e da relação com ancestrais, de acordo com modelos cosmológicos particulares” (Barreto, 2008, p. 37).

Nesse sentido, podemos perceber a riqueza de análise que há no estudo dos contextos funerários. Muitas são as possibilidades de interpretação quando se trata do estudo de sepultamentos, no entanto, é preciso ter muito cuidado ao tentar inferir tais concepções. Precisamos ter em mente, conforme aponta Silva, que os atributos simbólicos ou rituais das práticas funerárias “não podem ser recuperados, mas inferidos/sugeridos ou criados pelo arqueólogo com base em descrições etnográficas” (Silva, 2005, p. 17).

Deve-se levar em consideração que os contextos funerários, em toda sua complexidade, estão relacionados a escolhas culturais, a indícios representativos, a distinções e a técnicas específicas de um grupo, que podemos denominar de cadeias operatórias funerárias e que estão diretamente vinculados a “sistemas simbólicos”. Ainda que não possamos acessar totalmente tais sistemas, podemos nos aproximar deles realizando associações e inferências, cuidadosas e relativas, embasadas em analogias etnográficas ou em outros contextos. Um estudo sobre os comportamentos funerários arqueológicos, por mais que seja realizado com as mais acertadas e variadas metodologias de análise, será sempre parcial, visto que se trata de um tema que perpassa questões que estão além da materialidade dos esqueletos e dos acompanhamentos funerários, trata-se também do imaterial, do simbólico, do intangível.

2.4 Artefatos, enfeites e objetos entre grupos ameríndios: um aporte para pensar os corpos e os acompanhamentos

No universo indígena brasileiro, a fabricação de artefatos, grafismos e pinturas está fortemente vinculada à fabricação de corpos e pessoas. Os grupos ameríndios, em geral, podem ser melhor entendidos quando voltamos nossa atenção para suas noções de corpo e conceito de corporalidade. Dar atenção para a noção do corpo é fundamental quando estudamos grupos indígenas, pois ela possui um enorme potencial de análise entre esses grupos. Especialmente entre grupos ameríndios o corpo humano é considerado a base da identidade, pois para eles “a identidade está no corpo” (Calavia Sáez, 2012).

Podemos afirmar que entre os grupos ameríndios o corpo humano ocupa um lugar central. É destaque entre tais grupos a centralidade da corporalidade e da noção de pessoa. Segundo Els Lagrou, um dos principais aspectos da concepção ameríndia sobre a corporalidade diz respeito ao modo como o corpo é concebido: ele não é percebido como uma entidade biológica que cresce automaticamente a partir de uma forma predefinida pela herança genética, mas ele é fabricado pelos pais e pela comunidade (Lagrou, 2009, p. 39).

Essa é uma concepção demonstrada especialmente pelas etnografias amazônicas, as quais apontam que o corpo humano não está “pronto”, ele deve ser constantemente fabricado através de diversas práticas que “envolvem a alimentação, a decoração, a reclusão e uma série de outros mecanismos de manipulação do corpo e das substâncias corporais” (Miller, 2007, p. 4). Nesse sentido, as modificações intencionalmente produzidas no corpo, como pinturas, marcas, perfuração e ornamentação “são concebidas como parte do processo fisiológico de constituição do corpo humano que não pode, portanto, ser separado de processos ditos culturais ou sociológicos” (Miller, 2007, p. 4).

Como já havia afirmado Darcy Ribeiro, o corpo humano é a base física mais frequente das atividades artísticas dos grupos indígenas (Ribeiro, 1987, p. 46) e o cuidado com o corpo, “além da pintura e da tatuagem, se desdobra em mil manifestações, quase tão variadas quantos são os povos indígenas” (Ribeiro, 1987, p. 50).

Assim como sugeri na minha dissertação, a ideia dessa pesquisa de conclusão de curso seria pensar os acompanhamentos funerários, aqueles objetos que estão junto aos corpos dos mortos, a partir de um

viés antropológico que pressupõe que grupos ameríndios possuem lógicas específicas de entendimento do mundo, dos corpos, dos ambientes, e dos artefatos. Esses objetos não seriam meramente “coisas”, mas um emaranhado de relações, que interligam - e em quem estão interligados - pessoas e artefatos, vivos e mortos, humanos e não-humanos.

Esse viés antropológico está baseado em estudos etnológicos sobre grupos ameríndios e enfatiza que, para esses grupos, o cosmos é formado por distintas esferas em que humanos e não-humanos vivem em relação. O universo ameríndio seria transformativo: o mundo é composto por muitas camadas e, embora nem sempre perceptíveis, “os diversos mundos são pensados enquanto simultâneos, presentes e em contato” (Lagrou, 2009, p. 93), não havendo separação entre aquilo que nós ocidentais classificamos como “natureza” e aquilo que entendemos como “cultura”.

Segundo tal viés antropológico, no pensamento ameríndio os animais, as plantas, os espíritos e outros não-humanos – incluindo os artefatos – podem ocupar a posição de sujeito (Descola, 1986; Castro, 2002). Integrantes de um cosmos repleto de sujeitos, capazes de serem agentes transformadores, os ameríndios vivem em mundo tomado por agências que, por esse motivo, é também potencialmente perigoso. Por isso é preciso, conforme esse entendimento, através de conquistas ou negociações, pacificar, domesticar e familiarizar certos elementos. Já que, na práxis ameríndia, “coisas e pessoas podem ser transformadas, domesticadas, pacificadas e incorporadas” (Lagrou, 2009, p. 56).

De acordo com tal perspectiva, podemos entender que, para os grupos ameríndios, os artefatos são parte de uma sociocosmologia. Percebidos como mediadores entre mundos, ambientes e matérias, os artefatos podem ser entendidos enquanto corpos. Para Els Lagrou podemos afirmar que, entre os ameríndios, artefatos são como corpos e corpos são como artefatos (Lagrou, 2009, p. 39). Essa afirmação foi possível na medida em que a etnologia começou a dar mais atenção ao mundo artefatural que acompanha a fabricação do corpo ameríndio: ao se voltar para os artefatos, a própria noção de corpo foi redefinida.

A noção de semelhança entre corpos e artefatos pode ser percebida em diversos grupos ameríndios. Lagrou indica que, por exemplo, entre os Wayana, os humanos são fabricados através das mesmas técnicas que os artefatos (Lagrou, 2009, p. 39). Para esses e muitos outros grupos ameríndios, “todas as substâncias que entram,

saem ou se encontram na proximidade do corpo parecem ser imbuídas de agência, além de possuírem ‘donos’” (Lagrou, 2009, p. 44).

Ao considerar que os artefatos possuem agência, entende-se que eles são sujeitos agentes capazes de transformar corpos e ambientes. A noção de que os artefatos são agentes formadores e transformadores está vinculada ao entendimento de que vários seres no cosmos são possuidores dessa capacidade agentiva, já que podem ocupar a posição de sujeito.

De acordo com a perspectiva ameríndia, se todas as substâncias que entram, saem ou estão em proximidade com o corpo podem ser imbuídas de agência, como sugere Lagrou, esse aspecto deve ser considerado não apenas em um estudo sobre a corporalidade ameríndia, mas também sobre artefatos e todo o fazer artístico ameríndio. Para Lagrou, do mesmo modo que a pintura corporal e a roupa, a decoração do corpo indígena “com miçangas, dentes e sementes aponta para o mesmo entrelaçamento de artefato e corpo, da fabricação interior de um corpo vivo e pensante e sua decoração exterior” (Lagrou, 2009, p. 53).

A questão do uso de determinados artefatos, a capacidade de agência e a incorporação de substâncias pode ser identificada em diversos contextos ameríndios. Muitos povos indígenas, por exemplo, consideram os dentes a sede da força vital e essa seria a principal razão pela qual dentes serem frequentemente utilizados como ornamento entre eles (Lagrou, 2009).

Em muitas cosmologias ameríndias, objetos e corpos estão interconectados. A antropóloga Joana Miller, ao descrever os enfeites corporais usados pelos Mamaindê (Nambiquara)¹⁹, por exemplo, percebeu que os enfeites podem ser concebidos como componentes da pessoa. A autora observou em sua etnografia, “que o próprio ato de

¹⁹ “Nambiquara” é uma designação genérica dos povos que habitam a Chapada dos Parecis, o Vale do Guaporé e a região mais ao norte, nos estados de Mato Grosso e Rondônia. Foram estudados pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss e, segundo a história da etnologia brasileira, teriam sido contatados “oficialmente” pelo Marechal Rondon. Esses grupos são falantes de línguas da família linguística Nambiquara (família linguística sem qualquer relação comprovada com outras famílias da América do Sul). Os Mamaindê são um dos grupos Nambiquara do norte. Fonte: Site do ISA, <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Nambikwara>. Último acesso em 14/11/2018.

enfeitar o corpo é descrito pelos Mamaindê como uma forma de fabricar o corpo, conectando-o a um grupo de parentes” (Miller, 2007, p. 161).

A argumentação de Miller é muito interessante para pensar adornos corporais, pois vai além da interpretação comum de que os enfeites corporais indígenas seriam meros símbolos e representações. Miller percebeu que, para os Mamaindê, os enfeites corporais são a materialização de relações, especialmente de relações estabelecidas com os mortos (Miller, 2007, p. 9). Os enfeites corporais são, não apenas “manifestações visíveis dos espíritos dos ancestrais; eles são materializações das relações estabelecidas com eles” (Miller, 2007, p. 10). Os enfeites corporais dos Mamaindê, segundo ela,

especialmente o colar de contas pretas, também são adquiridos dos espíritos dos mortos, através do xamã. Neste caso, o que se enfatiza é o fato dos enfeites possuírem a agência dos mortos, na medida em que eles são concebidos como tendo sido feitos por eles. Assim, os enfeites usados pelos Mamaindê podem ser vistos como materializações das relações estabelecidas com os mortos, ao invés de “símbolos” ou “representações” de relações. Pretendo argumentar, neste sentido, que os enfeites usados pelos Mamaindê são índices de agências estrangeiras e, ao serem transmitidos aos vivos pelo xamã, são concebidos como materializações da alteridade necessária para a constituição de pessoas humanas (Miller, 2007, p. 9).

Miller indica que a etnografia dos Mamaindê sugere a possibilidade de pensar os objetos como sendo constituídos por agências estrangeiras, assim como as pessoas. E indica que, como consequência desta concepção dos objetos, o modo como os Mamaindê descrevem a noção de espírito, associando-a aos enfeites corporais ganha uma materialidade. Segundo a antropóloga, geralmente a alma, nas descrições amazônicas, é descrita como algo imaterial, intangível, sendo associada às teorias sobre o nome e a nomeação ou às noções de princípio vital e potência. Para os Mamaindê, ao contrário disso, o termo usado para designar o espírito pode ser traduzido como “coisa”, em determinados contextos (Miller, 2007, p. 10).

Miller percebeu que, entre os Mamaindê, a posse dos enfeites corporais é uma forma de constituir a pessoa, “na medida em que a relaciona a um grupo de parentes com os quais se compartilha a mesma perspectiva”. Além disso, essa posse é também “o que lhe confere a possibilidade de se transformar em outro tipo de gente” (Miller, 2007, p. 172).

No caso Mamaindê, a troca de enfeites equivale a uma troca de perspectivas: os enfeites corporais são concebidos, neste contexto etnográfico, “como componentes da pessoa porque são, precisamente, aquilo que permite a sua transformação, tornando-a visível para outros tipos de seres” (Miller, 2007, p. 173).

Os enfeites corporais para os Mamaindê, além disso, estão relacionados ao poder xamânico: o poder do xamã se baseia na posse de muitos enfeites adquiridos dos espíritos dos mortos e de outros xamãs e, durante as sessões de cura, ele transmite aos doentes os enfeites trazidos pelos espíritos dos mortos que atuam como seus auxiliares (Miller, 2007, p. 12).

Miller identificou que, com exceção do xamã, as crianças são as mais enfeitadas da aldeia. Elas são adornadas com várias voltas de colar de contas pretas (de tucum), chamado de *yalikdu*, principalmente cruzados sobre o peito ou ao redor do pescoço - mas também podem ser usados em volta da cintura e nos pulsos. Para os Mamaindê as crianças são consideradas seres extremamente frágeis e, por esse motivo, devem ser enfeitadas com muitas voltas de colar pelos seus pais e, principalmente, pelos seus avós.

Os Mamaindê enfeitam os seus filhos para que eles não fiquem doentes e também por que, para eles, colocar enfeites nas crianças é um ato de cuidado e de carinho. Eles entendem que uma criança sem enfeites é uma criança sem parentes, abandonada. Nesse sentido, “o ato de enfeitar é concebido como um ato de afeto e de cuidado e também como algo que estabelece uma conexão entre parentes”, pois enfeitar a criança é uma forma de protegê-la de doenças e de relacioná-la a seu grupo de parentes (Miller, 2007, p. 132).

É interessante pensar sobre os enfeites corporais indígenas e sua relação com o corpo, especialmente entre as crianças. A etnologia brasileira, em geral, indica que, em muitos grupos indígenas, as crianças possuem um *status* diferenciado e precisam ser tratadas de uma maneira especial, geralmente com intensos cuidados e sendo bastante adornadas.

Em seu *Dicionário do Artesanato Indígena*²⁰, por exemplo, Berta Ribeiro cita o verbete “amuletos de uso pessoal” e indica que os adornos de uso diário ou festivo que são assim classificados, principalmente os adornos infantis, “são qualificados como ‘remédios’ ou ‘encantamentos’ destinados a prevenir doenças ou feitiços que comprometam a saúde dos adultos ou o crescimento dos imaturos” (Ribeiro, 1988, p. 286). Nesse sentido, como nos recorda Claudia Rodrigues-Carvalho, podemos afirmar que um “adorno pessoal é mais do que um objeto ornamental” (Rodrigues-Carvalho, 2014, p. 140), não somente em contextos etnológicos, como também em contextos arqueológicos.

Assim como os artefatos em geral, os objetos que acompanham os mortos também possuem suas especificidades nas perspectivas ameríndias. Entre os grupos ameríndios, há inúmeras e diferentes maneiras de conceber a morte, os funerais e os objetos em contextos funerários. Em relação ao estudo contextos funerários de grupos pretéritos, em termos arqueológicos, não podemos ter acesso a certas informações devido ao caráter dos vestígios. No entanto, se seguirmos o caminho de ampliar o olhar e tomar de empréstimo algumas pesquisas da etnologia ameríndia, teremos algumas possibilidades interessantes de perceber as possíveis respostas indígenas ao fenômeno da morte e a tudo que envolve o morrer.

Nesse sentido, podemos pensar sobre os mortos e os objetos: em termos gerais, os objetos sepultados junto aos mortos podem nos remeter a questões indígenas das mais variadas escalas, sendo ontológicas, escatológicas e cosmológicas, dentre outras. Por exemplo, entre alguns grupos ameríndios, os objetos pessoais do morto são colocados junto a ele, pois diz-se que o falecido sente ciúmes de suas coisas. Entre os Tupinambá os objetos e armas colocados junto ao morto tinham por função ajudar o morto a se defender durante a difícil travessia. Os bens do morto entre os Guajá, como painéis, roupas, armas, podem ser apropriados por alguém sem que isso comprometa o morto ou a vida do grupo (Ribeiro, 2002).

²⁰ O *Dicionário do Artesanato Indígena*, da antropóloga Berta Ribeiro, é uma importante referência sobre a cultura material ameríndia em geral. Para produzir essa obra, ela estudou diversos tipos de artefatos produzidos por distintos grupos indígenas no Brasil e os organizou por meio de uma classificação, sendo publicado em 1988.

Entre os Katukina, por exemplo, ocorre o descarte dos bens materiais do morto, com algumas exceções, como no caso de bens muito difíceis de se conseguir (como uma espingarda). Isso demonstra o quanto os objetos são parte integrante da pessoa, que uma vez morta, não pertence mais a mesma humanidade e deve ser separada dos vivos para não ultrapassar os limites e, assim, criar um caos (Comunicação pessoal com Jeremy Deturche).

Nos grupos em que os objetos são enterrados com os mortos, geralmente isso está relacionado ao entendimento de que o falecido se insira bem na aldeia dos mortos e possa fazer uso desses objetos lá. Outro sentido de enterrar objetos junto ao morto seria para fazer com que o morto não tenha mais motivos para querer estar por perto dos vivos, que ele não queira voltar para desordenar a vida dos vivos (Ribeiro, 2002). Há grupos indígenas em que os objetos do morto, pelo contrário, precisam ser destruídos, como no caso dos Kayapó, em que os objetos geralmente são queimados. A destruição de todos os pertences do morto pode ter vários sentidos.

Há também diferenciações no tratamento dados aos adultos e às crianças na preparação do corpo e em relação a seus acompanhamentos em alguns grupos, como entre os Yaminawa, por exemplo. Entre eles, ao contrário de um morto criança, um morto adulto é preparado com grande requinte, sendo que seu ritual funerário envolve pinturas corporais e corte do seu cabelo. Seu enterramento é realizado na casa onde o próprio falecido morava e, junto a ele, são colocados seus pertences (Ribeiro, 2002, p. 45).

Busquei, neste capítulo, trazer algumas concepções e conceitos importantes que fazem parte das linhas de análise deste trabalho de conclusão de curso. Mesmo que seja bem teórico, são reflexões importantes que ajudam a pensar a *Coleção Arqueológica*, as escavações e as metodologias utilizadas pelo Pe. Rohr e as possíveis análises dos acompanhamentos funerários evidenciados nos sítios arqueológicos.

CAPÍTULO 3 – Estudo de acervo: os acompanhamentos funerários dos sepultamentos em *Caiacanga-Mirim* e *Praia das Laranjeiras II*

Grande parte dos sítios escavados pelo padre Rohr, especialmente litorâneos, eram compostos por numerosos sepultamentos humanos e vários desses indivíduos apresentaram materiais associados. Padre Rohr os considerava acompanhamentos funerários por perceber a associação direta desses elementos aos indivíduos sepultados. Mesmo que Rohr tivesse a preocupação em considerar, coletar e descrever os acompanhamentos funerários, é importante destacar que nem sempre descrevia a localização exata do acompanhamento em relação ao esqueleto. Nesse sentido, sem informações suficientes a respeito da posição desses objetos, um mapeamento satisfatório e outras análises específicas sobre a espacialidade dos enterramentos e seus materiais associados ficam, de certa forma, prejudicados. Nem por isso certas análises sobre tais objetos são invalidadas. Além disso, o tipo de coleta, as informações anotadas e percebidas por Rohr (aquilo que foi registrado e o que ficou de fora do registro), assim como algumas das interpretações a respeito de acompanhamentos funerários são interessantes para pensar seu lugar enquanto pesquisador de seu tempo.

Desde sua primeira escavação, em 1958 na Ilha de Santa Catarina, Rohr adotou em sua metodologia a descrição dos objetos associados aos mortos e a proposição de interpretações sobre eles. Os artefatos eram diversos, desde conchas a dentes perfurados e ossos de animais. Em sua publicação de 1959, sobre esse primeiro sítio arqueológico por ele escavado, o sítio Caiacanga-Mirim, alguns dos acompanhamentos funerários caracterizados como adorno foram classificados por Pe. Rohr como *amuletos* e tidos como objetos que revelam “um gosto estético, assaz apurado” daquela população. Padre Rohr considerou os adornos evidenciados como “jóias, as mais ricas e as mais preciosas” e sugeriu, ainda no contexto arqueológico deste sítio, que o uso de dentes de animais como adornos poderia apresentar “um sentido totêmico, como símbolos da agilidade e da força” (Rohr, 1959, p. 212). Essas assertivas são interessantes para pensar um tipo de interpretação dos acompanhamentos funerários realizada pelo Pe. Rohr, no entanto, sabemos que revelam mais uma percepção ocidental sobre tais objetos que possíveis caracterizações deles de um ponto de vista êmico. A categorias “amuleto”, “jóias” e “esteticismo”, se existentes em contextos ameríndios, não são categorias equivalentes aos contextos ocidentais e não indígenas.

Por mais que Rohr (1959) tenha sugerido que o grupo que ocupou o sítio Caiacanga-Mirim utilizava dentes de animais como amuletos, e ainda, que os pingentes de colar tinham um sentido totêmico, não podemos tomar tais afirmações sem relativizá-las, pois não esgotam as possibilidades de interpretações acerca da presença dessa classe de artefatos nesses sítios arqueológicos.

Mesmo que fiquemos instigados a criar categorias e atribuímos sentidos e funções aos objetos que estudamos nesses contextos, precisamos ter cuidado com nossas interpretações, pois elas podem estar incompletas, equivocadas ou, então, cristalizar as possibilidades. Aquilo que consideramos um “amuleto” pode ser, para o grupo estudado, um objeto integrante de outra categoria - ou de mais de uma delas. Por exemplo, objetos que denominamos como “enfeites corporais”, são, para alguns grupos ameríndios, ao mesmo tempo adornos e remédios (Lagrou, 2009, p. 54), ou então, os enfeites remetem à noção de humanidade e a distinções ontológicas, especialmente entre vivos e mortos (Miller, 2007, p. 5). É nesse sentido que tais interpretações precisam ser relativizadas: os objetos que para Rohr ou para nós, pesquisadores do nosso tempo, podem ser entendidos como amuletos ou adornos, podem ser artefatos com diferentes e inúmeros estatutos e potências.

3.1 Caracterização dos sítios arqueológicos Caiacanga-Mirim e Praia das Laranjeiras II

Os dois sítios arqueológicos escolhidos para essa análise possuem algumas características semelhantes entre si, especialmente em termos de cultura material. Foram classificados pelo arqueólogo Pe. João Alfredo Rohr como “jazidas paleo-etnográficas”²¹. Padre Rohr classificou esse tipo de sítio desta forma por se tratar de um local que apresenta, dentre outros fatores, grande número de esqueletos e utensílios indígenas (Rohr, 1959, p. 202), e que seriam, segundo ele “jazigos de cultura intermédia entre a guarani e a sambaquiiana” (Rohr, 1959, p. 203).

²¹ Embora considerado como uma “jazida paleo-etnográfica” por Rohr, o sítio Caiacanga-Mirim também foi considerado por ele um sambaqui (Rohr, 1959).

Sobre o grupo que teria ocupado o sítio Caiacanga-Mirim, Rohr aponta que

o material lítico, os objetos de adorno e a maior parte da cultura parecem-nos decididamente sambaquianos, ao passo que a cerâmica indica uma cultura que se adianta aos sambaquianos conhecidos, mas não chega a ser a dos guaranis de que difere na feitura, no cozimento e no ornato (Rohr, 1959, p. 211).

Rohr sugere que poderia se tratar de “sambaquianos evoluídos, que já adquiriram cerâmica”, mas indica que não teria “fatos concretos para comprovar tal hipótese” (Rohr, 1959, p. 211).

Para ele, a “Jazida Páleo-Etnográfica” se caracteriza pela sua riqueza em material arqueológico – especialmente artefatos líticos e ósseos – e apresenta todos os elementos do sambaquí (restos de ossos de mamíferos, aves e peixes, muito carvão vegetal), tendo, no entanto, pequena percentagem de conchas e não apresentando elevação acima do nível do solo (Rohr, 1967, p. 506).

De acordo com Beck, jazida-paleoetnográfica é uma “denominação dada aos sítios arqueológicos que apresentaram componentes culturais idênticos aos de alguns sambaquis, mas tem substrato diferente, com quase total ausência de conchas” (Beck, 1972, p. 161) e caracterizam-se, ainda, por apresentar fragmentos de cerâmica “entre os remanescentes culturais” (Beck, 1972, p. 41).

Ao serem estudados posteriormente, esses sítios foram classificados como “sítios rasos com sepultamentos” e identificados com uma Tradição arqueológica devido à presença de um estilo cerâmico específico em seus estratos, a cerâmica denominada *Itararé* (Schmitz et al., 1993). O termo “Tradição” é utilizado em arqueologia para classificar materiais e sítios arqueológicos, a fim de facilitar a compreensão, a partir de uma análise tecnológica, da diversidade humana no registro arqueológico. Tradição se refere a um grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal e se define como uma sequência de estilos ou de culturas que se desenvolvem no tempo, partindo uns dos outros, e formam uma continuidade cronológica (Souza, 1997). Dentre algumas tradições arqueológicas brasileiras podemos citar as tradições Tupiguarani, Aratu, Umbu e Humaitá.

A cerâmica associada à Tradição Itararé foi assim definida na arqueologia pela descoberta desse estilo artefactual ter sido no rio Itararé, na divisa dos estados do Paraná e São Paulo. Esse tipo de cerâmica foi evidenciado em outros sítios arqueológicos do sul do Brasil, especialmente no planalto e se caracteriza pela espessura fina (variando de 3 a 7 mm) e por serem vasilhames de tamanho pequeno (Chmyz, 1968).

Por serem sítios litorâneos e apresentarem cerâmica Itararé, os sítios arqueológicos como Praia das Laranjeiras II e Caiacanga-Mirim foram classificados como sítios da Tradição Itararé do Litoral (Schmitz et al., 1993). Esta classificação foi realizada por um grupo específico de arqueólogos, não sendo consenso entre os pesquisadores nessa disciplina. Mesmo que esta classificação “sítios Itararé do Litoral” ainda exista na área, é importante ressaltar que os sítios Caiacanga-Mirim e Praia das Laranjeiras II, assim como os demais sítios entendidos como sítios rasos com sepultamentos que apresentam cerâmica denominada Itararé, não são ocupações Itararé, apenas possuem cerâmica associada àquela encontrada no Planalto Meridional, denominada Itararé²². De acordo com alguns arqueólogos, as pessoas que habitavam os chamados sítios rasos, por estarem no litoral e terem um estilo de vida totalmente voltado aos sistemas costeiros, não seriam do planalto, logo, não se trataria de uma ocupação Itararé. A nova classificação para esse tipo de sítio ainda está sendo discutida e trabalhada entre os arqueólogos, através de pesquisas que envolvem análises químicas voltadas para a alimentação e mobilidade (como análises de isótopos estáveis dos elementos químicos Carbono, Nitrogênio e Estrôncio) e estudos esqueléticos dos grupos em questão.

Além desses dois sítios arqueológicos, alguns outros foram caracterizados, no litoral catarinense, com essa denominação, por apresentarem essas características. Alguns deles foram inclusive chamados de acampamentos litorâneos. Dentre esses sítios, posso citar o sítio Praia da Tapera, na Ilha de Santa Catarina, e o sítio Praia das Cabeçadas, em Itajaí/SC.

²² Além disso, a cerâmica Itararé é associada a grupos indígenas Jê pré-coloniais da família linguística Jê. Os dois sítios arqueológicos aqui referidos foram classificados, na literatura arqueológica, como pertencentes a ocupações de grupos Jê pré-coloniais devido à presença de fragmentos cerâmicos que, no contexto litorâneo catarinense, apresentaram características da Tradição Cerâmica Itararé.

A escavação do sítio Caiacanga-Mirim foi a primeira escavação do Pe. João Alfredo Rohr e ocorreu em contexto de salvamento. Em 1958, Rohr foi informado que operários da Base Aérea de Florianópolis estavam encontrando, ao retirarem areia para construções nas imediações da praia, “ossos de defunto” (Carta de Rohr para Ribeiro, 1965). Padre Rohr passou, de abril a dezembro de 1958, todos os seus dias livres do ano em escavações naquele sítio. Nele conseguiu salvar cerca de quarenta esqueletos humanos e muitos artefatos líticos, ósseos e cerâmicos.

A publicação dos resultados desta escavação, em 1959, “Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina”, atraiu, de acordo com Rohr, a atenção de cientistas nacionais e estrangeiros e, a pedido de seus colegas do Instituto Anchieta de Pesquisas, Pe. Rohr abandonou o campo da Botânica para dedicar-se à Arqueologia (Carta de Rohr para Ribeiro, 1965).

Pe. Rohr ainda estava em fase inicial de suas pesquisas arqueológicas e, por ser sua primeira escavação sistemática, ainda estava aprimorando técnicas e metodologias. Não tinha ainda desenvolvido as importantes “Fichas de Registro de Sepultamento”²³, em que, posteriormente, passou a inserir registros detalhados dos esqueletos que escavava, o que possibilitava identificar informações preciosas para o estudo dos sepultamentos. Como a escavação na Base Aérea foi realizada em contexto de salvamento, Pe. Rohr não registrou detalhes de cada um dos sepultamentos evidenciados, ele apenas numerou cada um deles e registrou alguns detalhes específicos, como a presença de acompanhamentos funerários com alguns esqueletos.

Na época da escavação de Praia das Laranjeiras II, no final da década de 1970, Rohr já estava mais experiente em suas pesquisas, já havia elaborado novas metodologias e técnicas de escavação e de

²³ As Fichas de Registro de Sepultamento são um método de registro que o Pe. Rohr utilizava em suas escavações de esqueletos humanos. Pelo que pude identificar, as primeiras fichas foram utilizadas nas escavações do sítio Praia da Tapera. Nessas fichas haviam campos como sexo, posição, deposição, orientação do corpo, acompanhamentos funerários, que possibilitavam um registro mais completo e detalhado de cada um dos esqueletos. A maior parte delas era preenchida por Rohr, no entanto, em alguns casos, outros arqueólogos também as preencheram, como foi o caso de Dorath Pinto Uchôa, que participou das escavações em Laranjeiras. Ao final do trabalho, insiro uma das fichas preenchidas, na parte dos anexos.

estudos dos sítios. Em Laranjeiras teve maior êxito na retirada dos esqueletos, tendo inclusive utilizado a técnica de cimentação²⁴ em alguns deles, técnica que havia desenvolvido e aprimorado durante a década de 1960 em suas escavações no sítio arqueológico Praia da Tapera, em Florianópolis. A técnica de cimentação consistia em, literalmente, cimentar estruturas e blocos-testemunho em campo a fim de que as evidências permanecessem na mesma posição em que foram encontradas durante a escavação.

A ideia de cimentar esqueletos teria ocorrido ao Pe. Rohr em 1961, impelido pela vontade de montar no museu²⁵ um sepultamento infantil evidenciado por ele no sambaqui da Praia Comprida (Praia do Moçambique, Florianópolis). Considerado por ele um “conjunto raro e original”, por apresentar diversos elementos, a criança estava deitada sobre uma escápula de baleia, em cujas laterais haviam sido levantadas lâminas ósseas, formando, segundo Rohr, uma espécie de esquete. Seu esqueleto estava coberto de ocre vermelho e apresentava um adorno, do pescoço até a cintura, confeccionado a partir de pequenas conchas perfuradas (*Olivella sp.*)²⁶. Rohr considerou impressionante a soma de detalhes que, segundo ele, “atestavam o carinho, com que a pobre mãe pré-histórica, sepultara o seu filhinho falecido” (Rohr, 1970, p. 4). No entanto, o conjunto estava em estado de conservação muito ruim e não foi possível recuperá-lo.

Foi em suas escavações posteriores que Pe. Rohr começou a realizar a técnica de cimentação, sendo esqueletos do sítio arqueológico Praia da Tapera, como já dito, os primeiros a terem resultado satisfatório no uso dessa técnica durante as escavações na década de 1960. Assim que preparada, a estrutura cimentada era retirada do sítio e levada para o

²⁴ A técnica de cimentação de esqueletos foi desenvolvida pelo Pe. João Alfredo Rohr e uma descrição detalhada do procedimento pode ser encontrada em ROHR, João A. Pesquisas arqueológicas em Santa Catarina. *Pesquisas*, n° 14, Instituto Anchieta de Pesquisas, 1966, entre as páginas 18-20.

²⁵ Trata-se do museu em que atuava, no Colégio Catarinense, atual MHS.

²⁶ Além desses elementos, Rohr indica que o sepultamento estava rodeado de vasilhames de barro não queimado, de 30 a 40 cm de altura. O primeiro, cheio de areia muito clara, continha uma lâmina de machado de pedra polida. O segundo vasilhame apresentava conchas grandes de um molusco (*Phacoides pectinatus* Gmelin), e o terceiro era “uma formação de barro, com muitos alvéolos, contendo carvão e cinza, de significado problemático” (Rohr, 1970, p. 4).

museu. A prática da cimentação tinha uma finalidade expositiva e didática, pois permitia expor a um grande público a maneira como esses povos sepultavam seus mortos. Pe. Rohr afirma que todo museu deve ser educativo (Rohr, 1970, p. 4), portanto a técnica de cimentação contribuía nesse sentido com uma das funções do museu. Além disso, considerava ser da maior importância e interesse para a arqueologia trazer aos museus e laboratórios de pesquisa “sepultamentos humanos e vestígios diversos, tais como fogões, fornos de cocção, ossadas animais e, mesmo blocos-testemunhos, na disposição exata em que foram encontrados nos sítios arqueológicos” (Rohr, 1981, p. 111).

A cimentação de estruturas é um procedimento interessante em termos expositivos, sendo um grande diferencial do Museu do Sambaqui. É notável o impacto que os esqueletos cimentados causam nos visitantes do Museu, especialmente nas crianças. Mesmo que tenha sido uma inovação na época de Rohr, é uma técnica hoje não mais utilizada. Uma das principais críticas à técnica da cimentação se deve ao fato de impedir alguns tipos de análises nos ossos dos indivíduos cimentados, pois inviabiliza sua remoção. O cimento agregado em grande parte do esqueleto não pode ser removido sem causar danos aos ossos e, sendo assim, impede o acesso a determinados ossos, o que torna inviável a realização de algumas análises osteológicas.

Além das diferenças metodológicas e temporais nas escavações de Caiacanga-Mirim e Laranjeiras II, a análise que Pe. Rohr realizou dos materiais arqueológicos foi, em certa medida, distinta. À época da produção do texto sobre o sítio Caiacanga-Mirim, ou seja, no final da década de 1950, Pe. Rohr parecia mais interessado na análise das características morfológicas dos crânios dos esqueletos humanos evidenciados. Em sua publicação dedicada ao sítio (Rohr, 1959), ele apresenta o estudo dos crânios, com medidas e classificações deles, inclusive com tabelas comparativas.

Já na época de Laranjeiras II, quase 20 anos depois, Rohr havia aprimorado suas técnicas e métodos de escavação, de registro, de cimentação de esqueletos e já havia elaborado as *Fichas de Registro de Sepultamento*, em que as informações sobre os esqueletos e o contexto funerário foram melhor delineados. Em Laranjeiras²⁷, nas escavações

²⁷ Na Praia das Laranjeiras, Pe. Rohr identificou e escavou dois sítios arqueológicos, cujas denominações são Laranjeiras I e Laranjeiras II. O sítio Laranjeiras I é um sambaqui pequeno, escavado após o Laranjeiras II, em 1979. Rohr escavou 262 m² evidenciando 52 sepultamentos, muitos deles com

dos dois sítios arqueológicos existentes na praia, Rohr fez uso das Fichas de Registro de Sepultamento, o que possibilitou a coleta de muitas informações relevantes para o estudo dos sepultamentos. Para os pesquisadores que atuam na área de arqueologia funerária e bioarqueologia essas informações são de grande valia, especialmente por detalharem em certos aspectos o que Pe. Rohr percebia e registrava durante as escavações dos sepultamentos. Diferente dos esqueletos escavados na Base Aérea, para estudar os esqueletos de Laranjeiras dispomos dessa preciosa fonte de pesquisa para entender melhor esses contextos funerários.

Escavados de maneiras distintas e em períodos diferentes, os sítios arqueológicos Caiacanga-Mirim e Praia das Laranjeiras II são aqui tomados de forma comparativa, pois as metodologias utilizadas pelo Pe. Rohr em cada um deles não são as mesmas. Especialmente quando se trata do estudo dos esqueletos e da análise dos acompanhamentos funerários, como já citado. Utilizar distintas metodologias de escavação e de registro, implica em produção de tipos diferentes de informação relacionada aos sepultamentos e aos acompanhamentos funerários. Optei por trazer ao trabalho esses dois contextos arqueológicos distintos para indicar que é possível realizar análises comparativas interessantes de materiais arqueológicos de acervos museológicos, uma vez que, de acordo com um dos princípios básicos da museologia, é preciso, e é muito importante que os acervos de museus e coleções sejam estudados.

Os diferentes dados dos contextos distintos escolhidos aqui não inviabilizam análises sobre os acompanhamentos funerários, mesmo que esses materiais tenham sido coletados de formas distintas. As diferenças de registros não anulam as possibilidades de estudo de um mesmo tema em uma mesma coleção arqueológica escavada pelo mesmo pesquisador. Mesmo que realizadas em momentos distintos e com intuítos diferentes, os contextos das duas escavações e suas diferentes perspectivas devem ser considerados no estudo desse acervo, pois estão diretamente relacionadas à formação da coleção.

A relação entre as escavações na Base Aérea e em Laranjeiras II pode nos ajudar a perceber e a pensar também a trajetória de pesquisa do

presença de pigmento vermelho (ocre) e sua datação é de mais 3.800 anos A.P. (antes do presente). O sítio Laranjeiras II, é um sítio de ocupação mais recente e que apresentou cerâmica em seus estratos.

próprio Pe. Rohr e o quanto o foco de sua produção científica foi se modelando com o tempo. Isso deve ser considerado em um estudo de coleções arqueológicas: a maneira como foi formada, os modos de coleta, as preocupações do pesquisador, seus intuítos e motivações, a forma de construir a pesquisa a partir dos objetos, as referências que o pesquisador poderia ter, qual seu “lugar de fala”, enfim, todas essas questões precisam estar presentes em nossas análises quando tratamos de estudos de acervos.

No estudo de coleções é necessário ter em mente a importância de analisar os contextos de onde as peças vieram, como chegaram até a instituição museológica, com que tipo de informações, com quais propósitos. Nesse caso é preciso notar também que, antes de colecionador, Rohr era um pesquisador, um arqueólogo, um homem de ciência, que produzia informações a partir das evidências coletadas nos sítios arqueológicos e enviava os objetos e esqueletos humanos para o museu com finalidade “científica”. Sua atuação na concepção da Coleção Arqueológica se refere, portanto, a sua própria trajetória de pesquisa enquanto arqueólogo e escavador. A coleção foi formada nesse contexto, em que havia preocupação em estudar os povos antigos da nossa região, mas não apenas realizar o estudo, como também partilhar os achados no museu com o público, através da exposição dos materiais arqueológicos e dos esqueletos, e partilhar também os desenvolvimentos dessas pesquisas, nas inúmeras publicações realizadas por Rohr. Nesse sentido, podemos dizer que o Pe. Rohr tinha também um “espírito de museólogo”.

Inicialmente, no final da década de 1950, Rohr realizou um estudo de análise morfológica dos crânios evidenciados no sítio Caiacanga-Mirim, já em Laranjeiras II, o pesquisador parecia estar mais preocupado com outro tipo de análise. Em sua pesquisa no sítio Laranjeiras estabeleceu outro olhar para os povos indígenas antigos: para além de medidas cranianas, Rohr parecia estar mais interessado em analisar algo menos “biológico” e mais “cultural”, por assim dizer, os seus modos de enterramentos. Mesmo que essa já fosse uma preocupação dele em Caiacanga-Mirim o contexto em que a escavação foi realizada, a título de salvamento, as condições da época e sua própria condição de arqueólogo iniciante, o limitaram a realizar maiores e mais detalhados registros.

Tabela 1 - Algumas diferenças metodológicas e de pesquisa nos estudos realizados por Rohr nos dois sítios arqueológicos

Sítio arqueológico	Data	Área escavada	Escavação	Análises feitas por Rohr (a respeito dos ossos humanos)	Especificidades
Caiacanga-Mirim (Florianópolis)	1958	200 m ²	Salvamento	Estudo morfológico dos crânios	Primeira escavação de Rohr, iniciante
Praia das Laranjeiras II (Balneário Camboriú)	1977-1978	500 m ²	Sistemática, com quadriculamento nas duas etapas	Análise das estruturas funerárias (utilização de fichas de registro de sepultamento)	Rohr mais experiente em escavações e em cimentação de esqueletos

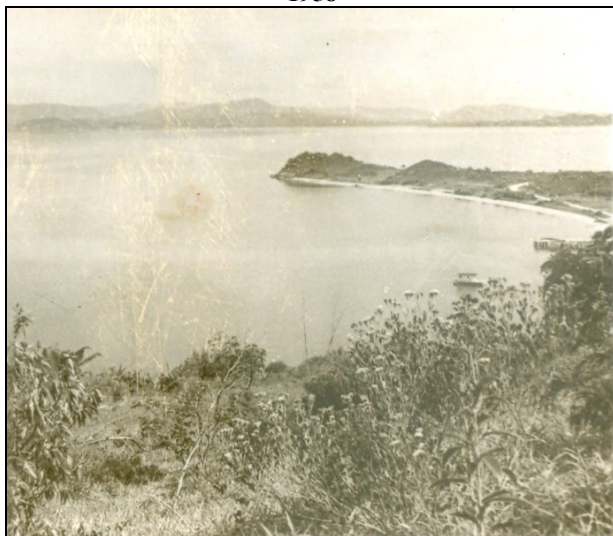
Fonte: Elaborado pela autora.

3.2 Escavações no sítio arqueológico Caiacanga-Mirim

O sítio arqueológico Caiacanga-Mirim está localizado na porção oeste da Ilha de Santa Catarina, no município de Florianópolis. Foi escavado em 1958 pelo Padre Rohr, após ser identificado em um areal que já estava sendo, há algum tempo, explorado pelos empreendimentos relativos à Base Aérea e, portanto, encontrava-se bastante perturbado e destruído. À distância de uns 150 metros do local do assentamento, Rohr encontrou uma oficina lítica de polimento, que, segundo ele, indicaria a confecção de artefatos líticos polidos no local pelos indígenas, como machados, por exemplo. A datação da ocupação do sítio Caiacanga-Mirim é de 1.150 ± 70 anos d.C.²⁸ (Rohr, 1959).

²⁸ A datação foi realizada através do método Carbono 14, e tem margem de erro de 70 anos, “d.C.” se refere a época depois de Cristo, ou seja, ao ano 1.150 da nossa Era.

**Figura 6 - Vista panorâmica da Ponta Caiacanga-Mirim, Florianópolis.
1958**



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

Pe. Rohr escavou 200 m² (10m x 20m) da área em que havia vestígios da ocupação do sítio. Foi considerado ora um sítio sambaqui, ora uma jazida paleo-etnográfica por Rohr (1959), e dentre os achados estão esqueletos, materiais líticos (machados, quebra-cocos, martelos, amoladores, alisadores), pontas de flecha ósseas, artefatos ósseos, artefatos conchíferos e fragmentos cerâmicos. Acompanharam as escavações, junto ao Pe. Rohr, o Frater José Lorenzatto, o Irmão Fischer, o Padre Balduino Rambo e Ignácio Schmitz, na época Frater.

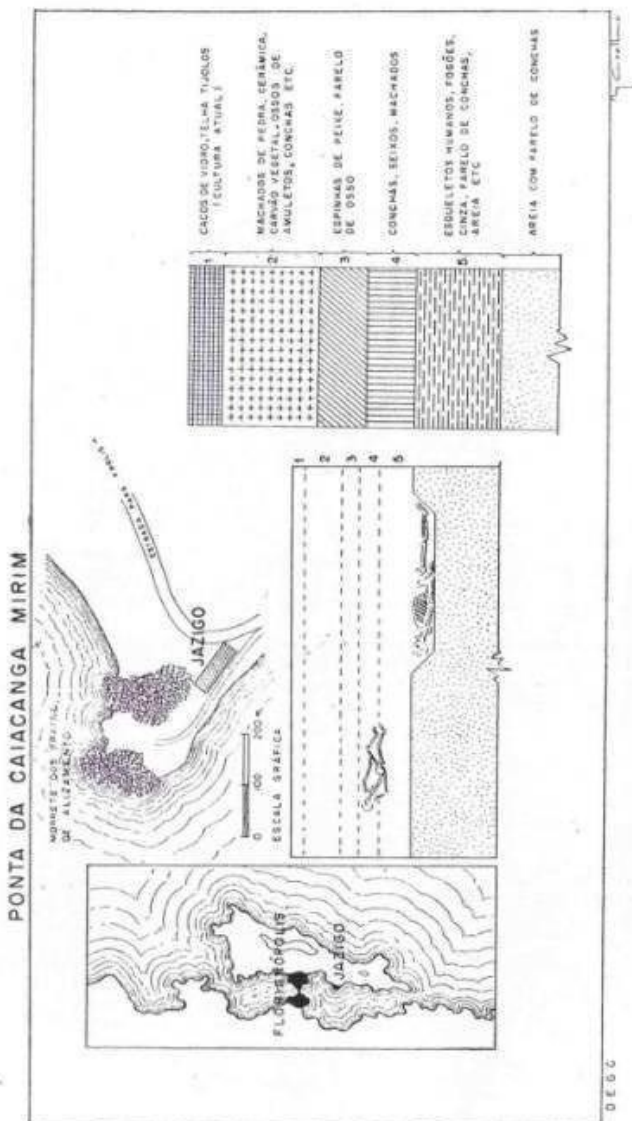
Figura 7 - Parte da escavação no sítio Caiacanga-Mirim, na Base Aérea, 1958.



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

Resultaram dos trabalhos de escavação 54 esqueletos humanos, sendo indivíduos adultos e também crianças, em sua maioria, esqueletos completos. Além desses esqueletos, foram coletados ossos de vários outros indivíduos que estavam espalhados sobre a área já devastada pelos operários da Base Aérea. Em alguns dos esqueletos escavados por Rohr foram encontrados objetos específicos a eles associados como artefatos confeccionados, principalmente, a partir de conchas, de rochas e de dentes de animais. Nesse contexto, tais objetos podem ser classificados como acompanhamentos funerários.

Figura 8 - Localização, croqui e perfil estratigráfico do sítio Caiacanga-Mirim



Fonte: Rohr (1959, p. 265).

Os sepultamentos do sítio Caiacanga-Mirim

Durante as escavações em Caiacanga-Mirim, Pe. Rohr identificou 54 esqueletos²⁹, sendo adultos e crianças. Além disso, ele relata que coletou diversos ossos humanos, que estavam dispersos pela área que anteriormente havia sido devastada pelos operários da Base Aérea (Rohr, 1959, p. 208).

Os esqueletos, segundo a descrição de Rohr, estavam enterrados em uma cova rasa, feita na areia. Os indivíduos eram “cobertos, melhor diríamos, envolvidos com aquele lençol de cor cinza, muito solta, constituída de areia, farelo de concha, humus, cinza e carvão, que ficava logo acima do depósito de areia, constituindo a última camada integrante da terra preta de cultura” (Rohr, 1959, p. 208).

Figura 9 - Padre Rohr evidenciando um sepultamento (não identificado) no sítio da Base Aérea, em 1958.



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

²⁹ Rohr aponta que foram encontrados 54 esqueletos humanos, no entanto, o número de indivíduos coletados no sítio é maior ainda, sendo mais de 60 sepultamentos.

Em sua maioria, os esqueletos estavam completos e dispostos em decúbito dorsal (ou seja, estendidos de costas), tendo as mãos junto do corpo e na região da cintura pélvica. Segundo Rohr, a posição da cabeça dos indivíduos não tinha sentido definido e poderia estar orientada tanto para o sul quanto para o lado norte. Rohr destaca que um indivíduo estava de bruços, com o rosto voltado para baixo (Rohr, 1959, p. 208).

Padre Rohr não fez o registro de cada um dos sepultamentos, individualmente, com informações detalhadas, como faria posteriormente em Laranjeiras II, ele apenas realizou uma descrição geral dos sepultamentos. A coleta dos ossos na Base Aérea foi feita sem a *Ficha de Registro de Sepultamento*, que ainda não tinha sido elaborada por Rohr e, nesse caso, não temos muitas informações sobre cada um dos sepultamentos. Em alguns casos ele descreve mais detalhadamente o que encontrou, como nos casos em que percebeu diferenças e especificidades nos sepultamentos, ou naqueles em que evidenciou objetos junto aos esqueletos.

Em relação ao estado de preservação dos esqueletos, considerou que as condições em que foram enterrados eram favoráveis a sua conservação: deitados na areia e cobertos com areia e farelo de concha, material que filtrava a água e impedia que ficassem molhados por muito tempo (Rohr, 1959, p. 211). Sobre os motivos da boa conservação dos ossos, Rohr também escreve que, supondo que os indivíduos “tenham sido enterrados entre cinza vegetal, encerrando certo teor de soda e potassa cáustica, esta podia exercer uma ação bactericida favorável à conservação dos esqueletos” (Rohr, 1959, p. 211). E que, além disso, por terem sido enterrados na areia, em proximidade com o mar, o próprio sal marinho pode ter contribuído para a conservação dos esqueletos.

Figura 10 - Funcionários da Base Aérea junto a um sepultamento (não identificado) durante as escavações do sítio arqueológico, 1958.



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

A respeito do estudo dos remanescentes esqueléticos humanos encontrados no sítio da Base Aérea, Rohr realizou um estudo morfológico dos crânios³⁰. Ele identificou, através do estudo de 21 desses crânios, que são bastante homogêneos, de constituição robusta e maciça, de rostos largos e de um aspecto anguloso (Rohr, 1959, p. 214).

Rohr observou que a mandíbula dos indivíduos é “notável pela sua altura e robustez” e apontou também que os dentes, tanto dos indivíduos masculinos quanto femininos apresentaram um desgaste

³⁰ De acordo com o estudo, Rohr identificou todos os crânios como fenózigos, ou seja, classificação dada quando o crânio se apresenta mais estreito que a face, sendo bem evidentes os arcos zigomáticos (o “osso da bochecha”). Os crânios dos indivíduos masculinos apresentaram caracteres bem acentuados, com apófises mastoides (saliência óssea atrás da orelha) robustas, arcadas superciliares salientes e inserções musculares fortes. Rohr observou que a transição dos crânios masculinos para os femininos é lenta e que isso tornou difícil a realização da distinção entre os sexos (Rohr, 1959, p. 214).

“verdadeiramente impressionante” (Rohr, 1959, p. 215), indicando que não há vestígios de cárie dentária.

Os acompanhamentos funerários do sítio Caiacanga-Mirim

Foram evidenciados diferentes tipos de acompanhamentos funerários durante a escavação do sítio Caiacanga-Mirim. O arqueólogo Pe. Rohr classificou alguns deles como adornos corporais e foram, em sua maioria, confeccionados a partir de rochas, de conchas e de dentes de animais.

Ao se referir aos esqueletos encontrados com acompanhamentos classificados por ele como “objetos de adorno”, Rohr aponta que, no sítio Caiacanga-Mirim,

o uso de enfeites parece ter sido bastante generalizado entre os construtores daquele reduto paleo-etnográfico. Eram de preferência as crianças, cujos encantos naturais, se procurava ressaltar por meio de alguma jóia. Quase que não se desenterrava esqueleto de criança, que não viesse acompanhado de algum amuleto ou colar (Rohr, 1959, p. 211).

Segundo Rohr, o material mais utilizado na fabricação dos objetos de adorno eram conchas, dentes de peixes e mamíferos e, com menos frequência, material lítico. Além dos objetos de adorno encontrados junto aos esqueletos, Rohr também evidenciou nas escavações outros objetos, feitos de valvas de conchas, dentes de jaguar, dentes de macaco, dentre outros (Rohr, 1959, p. 214).

Dentre os objetos encontrados associados aos esqueletos, e classificados por Rohr como objetos de adorno³¹, temos:

- “Amuleto de pedra”: encontrado junto ao esqueleto – crânio n° 7 – de uma criança (um rapaz de idade entre 10 e 12 anos), esse artefato é de quartzito branco e possui, segundo Pe. Rohr, um formato semelhante à cabeça de um “peixinho” (Sep 07);

³¹ Os artefatos associados aos sepultamentos evidenciados na escavação do sítio, segundo a denominação e classificação dadas pelo Pe. Rohr (1959).

- “Amuleto de concha”: encontrado junto ao esqueleto – crânio n° 1 – de um homem adulto. Possui dois orifícios e está em estado de decomposição (Sep 01);

Figura 11 -Acompanhamentos funerários dos Sepultamento 07 (“amuleto de pedra”), à esquerda, e Sepultamento 01 (“amuleto de concha”), à direita.



Fonte: Acervo do MHS, foto da autora.

Figura 12 - Crânio do Sepultamento 01, identificado por Rohr como uma criança entre 10 e 12 anos de idade. Junto a ele, encontrou o artefato que chamou de “amuleto de pedra”.



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

- “Amuleto de dente de cação”: evidenciado na parte superior do úmero de uma criança de idade entre 6 e 8 anos (Sep ?);

Figura 13 - Dente de tubarão duplamente perfurado, acompanhamento do Sepultamento não identificado (infantil).



Fonte: Acervo do MHS, foto da autora.

- “Colar de conchas”: foi evidenciado junto ao esqueleto – crânio nº 11 – de um homem adulto (cerca de 40 anos de idade). Formado por sete conchas, o colar provavelmente possuía um barbante de embira que as agregava. A espécie da concha, *Comus spurius*, não foi encontrada em outros lugares de sítio, a não ser fazendo parte do colar, e isso pode indicar que essas conchas foram, de alguma maneira, levadas até o sítio (Sep 11);

- “Colar de conchas”: encontrado junto ao esqueleto esmagado de uma criança. O colar é composto por 41 conchinhas de forma ovoide (*Olivella sp.*) (Sep ?);

Figura 14 -Acompanhamentos funerários do Sepultamento 11 (adulto), sete conchas de *Conus spurius* perfuradas (esquerda), e do Sepultamento não identificado (infantil), 41 conchinhas perfuradas de *Olivella sp* (direita).



Fonte: Acervo do MHS, foto da autora.

- “Colar de conchas”: evidenciado junto ao esqueleto de uma criança, é composto por 230 caramujinhos de forma ovoide (também *Olivella sp.*), 1 caramujo de forma cônica e 5 discos de conchas furadas no meio. Rohr aponta que é provável que este colar fosse formado por um maior número de conchas, pois, já na época da escavação, muitas se esfrelavam em contato com as mãos. Os discos apresentam brilho nacarado³² (Sep ?);

- “Colar de conchas e dentes de cação”: encontrado junto ao bem conservado esqueleto de uma criança (de idade entre 3 e 4 anos), disposto do pescoço até a cintura pélvica, o colar era formado por 3 valvas de conchas grandes, várias rodela de conchas (ao menos 25 delas foram salvas na escavação) e 9 dentes de cação (Sep 61).

Além desses artefatos, classificados como objetos de adorno, Rohr (1959) também cita outros objetos associados aos esqueletos:

³² Nacarado: que tem o aspecto do nácar (o mesmo que madrepérola).

Uma peça de cerâmica, que seria o fundo de um vasilhame cerâmico fragmentado (com 14 cm de diâmetro), junto ao crânio do Sepultamento 11, um homem adulto. Esse mesmo esqueleto (Sep 11) estava associado ao que Rohr denominou de “colar de conchas”, formado por sete conchas da espécie *Conus spurius*, perfuradas na ponta. Rohr indica que não encontrou “exemplar algum desta espécie de caracol, a não ser fazendo parte de colares”, no sítio arqueológico (Rohr, 1959, p. 250).

Outro indivíduo, de número do sepultamento não identificado, foi encontrado com um fragmento arredondado de osso de baleia (com diâmetro maior de 10 cm e diâmetro menor de 8 cm) como cobertura de seu crânio. Dois outros indivíduos, também de número do sepultamento não identificado, estavam com seus crânios cobertos cada um por uma rocha, de tamanho um pouco maior que o respectivo crânio (Rohr, 1959, p. 209).

Outro indivíduo adulto, o Sepultamento 37, tinha alguns objetos associados a ele: sob o joelho direito, estava um caracol (popularmente chamado de “búzio”) e também no joelho, ele tinha o que Rohr chamou de “pedras de um fogão”. O esqueleto estava incompleto e Rohr indica que lhe faltava o crânio, o tronco e os membros superiores. Nesse espaço em que faltavam tais ossos, estava o esqueleto de uma criança. A criança estava por cima do esqueleto do adulto, provavelmente tendo sido enterrada posteriormente, destruindo parte do sepultamento anterior. O esqueleto da criança foi denominado por Luciane Scherer como Sep 37A, durante o trabalho de curadoria ³³que realizou no material osteológico humano do MHS.

³³ A arqueóloga Luciane Z. Scherer realizou a curadoria dos esqueletos humanos da coleção do MHS, entre 2004 e 2006. A curadoria realizada por Scherer envolveu higienização e acondicionamento dos esqueletos, análise e identificação das unidades anatômicas e a catalogação do material. Foram analisados aspectos como sexo e idade dos indivíduos, que muitas vezes diferiram dos resultados de análises anteriores. Durante seus trabalhos de curadoria dos ossos, evidenciou em alguns casos, que havia mais de um indivíduo em uma mesma caixa de sepultamento, anteriormente numerado por Rohr como apenas um indivíduo. Quando ela evidenciava outros indivíduos sob um mesmo número de sepultamento, foi necessário renomear os novos indivíduos, como nesse caso, em que denominou a criança de “Sep 37A” para diferenciá-la do adulto, nomeado por Rohr como “Sep 37”.

Junto ao sepultamento da criança (Sep 37A) que destruiu a parte superior do sepultamento de adulto anexo (o Sep 37), Rohr indica que havia “dois amuletos de conchas grandes e duas pontas de osso rachado apontado nas 2 extremidades” (Rohr, 1959, p. 209).

Ainda junto ao esqueleto de adulto (Sep 37), estava associado um fragmento que, segundo Rohr, é de tíbia humana cortada transversalmente. Tal fragmento estava, de acordo com a descrição de Rohr, ao lado do pé esquerdo do Sep 37, fincado na areia. Rohr descreve o fragmento de tíbia, com cerca de 17 cm de comprimento e que seria da perna direita, indicando que ela teria sido cortada e alisada (o alisamento teria sido feito numa superfície de 9 cm). De acordo com a descrição de Rohr, podemos inferir que, possivelmente, essa tíbia possa ter sido uma intrusão ou perturbação de outro enterramento no espaço do Sep 37. Assim como alguns dos materiais associados aos sepultamentos, não foi possível identificar essa tíbia no acervo do Museu.

Figura 15 - Sep 37 (adulto) e 37A (criança), evidenciados durante a escavação, 1958.



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

Ao analisarmos o contexto funerário do sítio Caiacanga-Mirim é preciso levar em consideração o fato de que sua escavação foi efetuada a título de salvamento, em que muitos esqueletos já haviam sido perturbados ou até mesmo destruídos durante as obras realizadas pelos

operários na Base Aérea. Nesse sentido, é importante considerar que, aquilo que foi escavado por Rohr é, apenas em parte, o contexto funerário do sítio. Outros possíveis objetos associados aos mortos podem ter sido destruídos antes do Pe. Rohr realizar a coleta dos esqueletos.

Além disso, não temos informações completas a respeito de cada um dos sepultamentos evidenciados com objetos associados. Não foi possível identificar, por exemplo, quais os números de certos sepultamentos em que Rohr aponta a presença de acompanhamentos funerários junto ao esqueleto, como no caso das duas crianças adornadas com colares de conchinhas (*Olivella sp.* e outras), dos dois crânios acompanhados pelas rochas e do outro crânio associado ao osso de baleia.

A partir das informações disponíveis sobre os sepultamentos, podemos perceber que, dos acompanhamentos funerários encontrados no sítio Caiacanga-Mirim, a maioria está associada a esqueletos de crianças. Além disso, daqueles indivíduos em que foi possível identificar o sexo, os esqueletos com objetos associados eram de homens adultos.

Dos adornos em contexto de sepultamento, foram encontrados apenas dois associados a esqueletos de adultos, e os dois indivíduos são homens: um “amuleto” de concha associado ao Sepultamento 01 e, ainda, um “colar” de sete conchas (*Conus spurius*), associado ao Sepultamento 11, identificado por Rohr como um homem de aproximadamente 40 anos de idade.

No caso dos sepultamentos com acompanhamentos do Caiacanga-Mirim, os adornos foram encontrados, majoritariamente, próximos ao crânio e as exceções são o “amuleto” de dente de cação encontrado junto à parte superior do úmero da criança e o outro, um “colar” de conchas e dentes de cação, que estava localizado na região do pescoço até a cintura pélvica de outra criança (Sep 61). Os outros tipos de acompanhamentos também foram evidenciados principalmente junto ao crânio do indivíduo, no entanto também aparecem próximo aos membros inferiores.

Figura 16 - Sepultamento 61, infantil. Os acompanhamentos, que segundo Rohr, seriam um “colar”, estão dispostos junto ao esqueleto, do pescoço até a cintura pélvica.



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

A tipologia desses acompanhamentos, a posição em que foram encontrados no esqueleto e a pessoa que acompanhavam, são dados interessantes para pensar sobre o contexto funerário do sítio e podem nos dar importantes indícios sobre o grupo que ocupou Caiacanga-Mirim. Não temos, no entanto, maiores condições de inferir sobre esses objetos no momento, devido ao tipo das informações disponíveis, algumas incompletas e reticentes. Mas, com a ajuda de outros pesquisadores, de outras áreas como a Biologia, é possível, por exemplo, identificar as espécies a partir dos dentes dos animais que acompanhavam os mortos e pensar, ainda com mais refinamento, sobre eles. Pensar sobre onde esses animais habitam, qual a dificuldade para acessá-los, que especificidades eles têm em relação a outros objetos produzidos com seus ossos e dentes encontrados no mesmo contexto arqueológico, dentre tantas outras questões.

Nesse caso, apresento abaixo, uma tabela que sintetiza as informações que tivemos acesso sobre os acompanhamentos funerários evidenciados no sítio e seus respectivos sepultamentos:

Tabela 2 - Acompanhamentos funerários evidenciados no sítio Caiacanga-Mirim e seus respectivos sepultamentos, com dados de sexo, idade e localização no esqueleto.

Sep. ³⁴	Acompanhamento funerário ³⁵	Tipo	Localização no esqueleto	Sexo e idade
Sep 01	<i>Amuleto</i> de concha	Possui dois orifícios	Junto ao esqueleto	Homem adulto
Sep 07	<i>Amuleto</i> de pedra	Quartzito branco	Crânio	Criança (10-12 anos)
Sep 11	<i>Colar</i> de conchas	07 conchas (<i>Comus spurius</i>) perfuradas na ponta	Junto ao esqueleto	Homem adulto (aprox. 40 anos)
Sep 11	Peça cerâmica	Fundo de vaso fragmentado (14 cm de diâmetro)	Junto ao crânio	Homem adulto (aprox. 40 anos)
Sep 22	<i>Amuleto</i> de dente de cação com dois furos	Dente duplamente perfurado. Espécie não identificada	Junto aos ossos do pescoço-tórax	Criança (4-6 anos)
Sep 37	<i>Caracol</i>	“Búzio”. Espécie não identificada	Sob o joelho direito	Homem adulto
Sep 37	Fragmento de tibia humana	Tibia direita cortada transversalmente	Ao lado do pé esquerdo, fincado na areia	Homem adulto
Sep 37	<i>Pedras de um fogão</i>	Não identificadas	No joelho	Homem adulto

³⁴ Rohr não havia produzido fichas detalhadas para o registro de cada um dos esqueletos, como as Fichas de Registro de Sepultamento que temos para Laranjeiras II. Na escavação de Caiacanga-Mirim, ele apenas colocava número nos esqueletos encontrados.

³⁵ Os termos “colar”, “amuleto”, “pedras de um fogão” foram utilizados por Rohr (1959), optei por trazer a classificação realizada por ele para indicar o modo como percebia esses objetos associados aos esqueletos.

Sep. ³⁴	Acompanhamento funerário ³⁵	Tipo	Localização no esqueleto	Sexo e idade
Sep 37A	Dois amuletos de conchas grandes e duas pontas de osso rachado apontado nas 2 extremidades	Não identificados	Sep de criança que destruiu a parte superior do sep de adulto anexo	Criança
Sep 58	<i>Colar de conchas</i>	Rodelas de conchas. Espécie não identificada	Na região ventral, ao redor da cintura pélvica	Criança (6-8 anos)
Sep 61	<i>Colar de conchas e dentes de cação</i>	03 valvas de conchas grandes, várias rodelas de conchas (ao menos 25 salvas) e 09 dentes de cação duplamente perfurados. Espécies não identificadas	Junto ao esqueleto, do pescoço até a cintura pélvica	Criança (3-4 anos)
Sep ?	<i>Amuleto de dente de cação</i>	Duplamente perfurado. Espécie não identificada	Parte superior do úmero	Criança (6-8 anos)
Sep ?	<i>Colar de conchas</i>	41 conchinhas de forma ovóide (<i>Olivella sp.</i>)	Junto ao esqueleto esmagado	Criança
Sep ?	<i>Colar de conchas</i>	230 ³⁶ caramujinhos de forma ovóide (<i>Olivella sp.</i>), 01 caramujo de forma cônica e 05 discos de conchas furadas no meio (espécie não identificada)	Junto ao esqueleto	Criança
Sep ?	Artefato de osso de baleia	Fragmento arredondado de osso de baleia. Espécie não identificada	Como cobertura do crânio	Indivíduo (sem classe de idade)

³⁶ Na publicação de Rohr (1959) aparecem duas quantidades diferentes de conchinhas para este mesmo esqueleto infantil: 250 e 230 (páginas 212 e 251, respectivamente).

Sep. ³⁴	Acompanhamento funerário ³⁵	Tipo	Localização no esqueleto	Sexo e idade
Sep ?	Rocha	Não identificada	Como cobertura do crânio	Indivíduo (sem classe de idade)
Sep ?	Rocha	Não identificada	Como cobertura do crânio	Indivíduo (sem classe de idade)

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 17 - Sepultamento infantil (não identificado), com acompanhamento funerário. Trata-se de um dente de tubarão duplamente perfurado, próximo ao úmero direito.



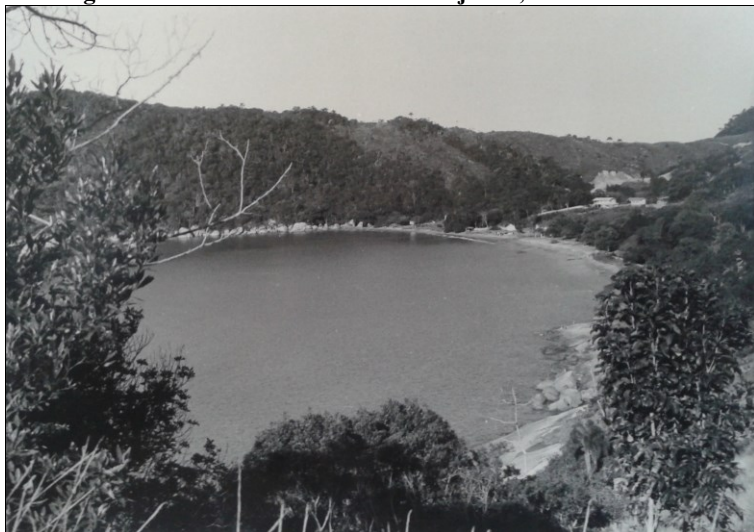
Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

3.3 Escavações no sítio arqueológico Praia das Laranjeiras II

O sítio arqueológico Laranjeiras II localiza-se na baía das Laranjeiras, no município de Balneário Camboriú/SC, e é considerado um “típico sítio Itararé litorâneo” (Schmitz et al., 1993, p. 17). Mesmo que não haja uma data confiável para o sítio, sua ocupação pode ser colocada no período abrangido por outros sítios da tradição Itararé do

Litoral, ou seja, entre os anos 800 e 1300 d.C. (Schmitz et al., 1993, p. 19).

Figura 18 - Vista da Praia das Laranjeiras, década de 1970.



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

Pe. Rohr e sua equipe escavaram cerca de 500 m² da área do sítio – estimada em aproximadamente 1000 m² – nos anos de 1977 e 1978, enquanto a outra metade não escavada teria sido destruída pelo proprietário do terreno ³⁷(Schmitz et al., 1993, p. 17-18).

O sítio encontra-se na extremidade leste da praia e presume-se que se estenda a cerca de 50 metros ao longo da praia e aproximadamente a 30 metros para o fundo, sendo sua camada arqueológica menor que 100 cm de profundidade. Foram encontrados, no sítio, artefatos líticos (lascas, bigornas, percutores, polidores, pesos de rede), artefatos ósseos (pontas, agulhas, anzóis, espátulas), e mais de 5 mil fragmentos de cerâmica. O sítio seria uma aldeia compacta, onde

³⁷ Nota-se que o sítio Praia das Laranjeiras II teve uma área escavada em cerca de 300 m² a mais em relação ao sítio da Base Aérea, o que, naturalmente, proporciona maiores possibilidades de encontrar materiais arqueológicos e sepultamentos humanos.

“construções, áreas de fogo e de lixo estão muito próximos” (Schmitz et al., 1993, p. 18).

Figura 19 - Equipe do Pe. Rohr em trabalho de escavação da no sítio Praia das Laranjeiras II.



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

Os trabalhos de escavação puderam evidenciar 114³⁸ sepultamentos de diversas faixas etárias que se encontravam ou estendidos ou fletidos, geralmente orientados no sentido praia-interior. Presume-se, devido a distribuição espacial dos sepultamentos no sítio, que a maioria dos indivíduos estava enterrada dentro das habitações, isto é, “dentro das choupanas contra as paredes” (Schmitz et al., 1993, p. 18). Alguns materiais associados aos sepultamentos são materiais líticos (lâmina de machado polida, amolador), pontas de projétil ósseas, ossos de mamíferos, vértebras perfuradas de peixe, uma mandíbula de baleia, conchas (*Olivella sp*) e dentes de animais (de tubarão, de boto, de porco-do-mato, de símios e de felídeos). Em um sepultamento de criança,

³⁸ Deste número, 112 dos sepultamentos eram do sítio Praia das Laranjeiras II (o sítio cerâmico), enquanto dois pertenciam a outro sítio, o Praia das Laranjeiras I (sítio sambaqui).

evidenciou-se uma tigelinha de cerâmica emborcada sobre sua cabeça (Schmitz et al., 1993, p. 117).

Alguns dos sepultamentos do sítio Praia das Laranjeiras II foram cimentados e estão expostos no Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, SJ” e no Museu Arqueológico do Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, em Balneário Camboriú.

Abaixo apresento uma tabela comparativa entre os dois sítios, que apresenta suas datações, quantidade de sepultamentos evidenciados, localização dos esqueletos e acompanhamentos funerários nos dois museus analisados.

Tabela 3 - Comparativo dos sítios analisados, com a datação, número de sepultamentos evidenciados em cada um deles, existência de Fichas de Registro de Sepultamento e localização dos esqueletos e acompanhamentos funerários.

Sítio arqueológico	Datação	Seps	Fichas de Sep	Esqueletos	Acompanhamentos funerários
Caiacanga-Mirim (Florianópolis)	Aprox. 1.150 (± 70 anos) d.C.	54	Não	Coleção do MHS	Coleção do MHS
Praia das Laranjeiras II (Balneário Camboriú)	Entre 800 e 1300 d.C.	112	Sim	Coleção do MHS e MA/CACG (alguns cimentados)	Coleção do MHS e MA/CACG

Fonte: Elaborado pela autora.

Os sepultamentos do sítio Praia das Laranjeiras II

Nos trabalhos de escavação em Laranjeiras, em suas três etapas, foram evidenciados 114 sepultamentos (sendo 112 referentes ao Laranjeiras II e dois sepultamentos referentes ao Laranjeiras I, provenientes de uma trincheira-teste realizada por Rohr no sambaqui). Apesar de cerca da metade do sítio ter sido destruída por um trator antes da escavação, pelo próprio proprietário do terreno, ainda assim trata-se de um grande número de sepultamentos evidenciados. Pe. Rohr aponta, no entanto, que tendo por base a área destruída, o número de sepultamentos destruídos possivelmente seria maior que o número de sepultamentos recolhidos (Rohr, 1984, 45).

No contexto arqueológico catarinense do litoral, há poucos sítios com presença de cerâmica e com grande número de sepultamentos que tenham sido amplamente escavados, nesse sentido, o sítio Praia das Laranjeiras II é uma importante referência no estudo desses grupos litorâneos antigos.

Figura 20 - Evidenciação dos esqueletos Sep 82, Sep 72 e Sep 79 na escavação do sítio Praia das Laranjeiras II, em 1978.



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

Os indivíduos evidenciados nas escavações do sítio eram de diversas faixas etárias, de ambos os sexos e a posição em que se encontravam era estendida ou fletida, estando geralmente orientados no sentido praia-interior (ou seja, Norte-Sul). Segundo Rohr, a maioria dos enterramentos estava entre os 10 cm e os 100 cm de profundidade em relação à superfície do solo, havendo apenas 14 indivíduos entre 100 e 150 cm (Rohr, 1984, p. 47). A maior parte dos sepultamentos evidenciados no sítio estava em conexão anatômica, ou seja, o que indica que a posição em que foram encontrados durante a escavação era a mesma posição em que tais indivíduos haviam sido enterrados. Muitos, no entanto, estavam perturbados e não apresentavam todos os ossos do esqueleto, o que poderia indicar que alguns desses sepultamentos teriam sido perturbados devido ao enterramento de outros indivíduos em proximidade a eles, posteriormente.

Sobre o estado de conservação dos esqueletos, Pe. Rohr aponta que alguns estavam em precário estado de conservação e, em função disso, não foram coletados. De outros sepultamentos, aqueles que estavam melhor preservados, Rohr coletou grande parte dos ossos. De acordo com ele, 42 sepultamentos estavam intactos e completos, enquanto 71 estavam incompletos (ele considerou 113 sepultamentos para o sítio). Dentre os sepultamentos, Rohr indicou que alguns se destacaram: uma gestante, com o esqueleto de um feto em seu ventre e, outro sepultamento de adulto, que tivera o braço fraturado em vida e a marca da fratura ficou perceptível no osso (Rohr, 1984, pp. 45-46).

Os acompanhamentos funerários do sítio Praia das Laranjeiras II

No sítio Praia das Laranjeiras II, Rohr identificou diferentes tipos de acompanhamentos funerários. De acordo com Rohr, os acompanhamentos encontrados junto aos esqueletos seriam “oferendas funerárias”. Para ele, o hábito de sepultar os “defuntos e de associar-lhes oferendas funerárias demonstra que os povos primitivos acreditavam em alguma sobrevivência após a morte”, pois esses povos, segundo ele, “já criam na imortalidade da alma” (Rohr, 1977, pp. 29-30).

Diversos sepultamentos, particularmente de crianças, tinham associados objetos de adorno, sendo “conchinhas (*Olivella sp.*) perfuradas, dentes de cação e dentes de mamíferos perfurados, ou ainda, pedrinhas perfuradas”. Alguns dos sepultamentos que apresentaram “oferendas funerárias” eram de adultos associados a machados líticos, pontas de flecha ósseas³⁹ ou presas de porcos-do-mato, utilizados como artefatos. Outros esqueletos de adultos apresentaram ossadas de baleia ou, ainda, seixos como objetos associados (Rohr, 1984, pp. 45-46).

De acordo com o estudo realizado pelo Instituto Anchieta de Pesquisas, anos depois das escavações no sítio, alguns materiais

³⁹ As pontas de flecha ósseas, mesmo que encontradas junto aos esqueletos, podem não ser acompanhamentos funerários. Elas podem indicar que o indivíduo foi flechado e atingido em algum órgão vital e isso pode ter lhe causado a morte. Pe. Rohr encontrou no sítio Praia da Tapera, em Florianópolis, um indivíduo com ponta de flecha óssea cravada em uma vértebra, o que sugere evidências de violência entre esses grupos. Este esqueleto (Sepultamento 110) foi cimentado por Rohr e encontra-se em exposição no MHS/Colégio Catarinense. Nesse sentido, a presença de pontas de flechas ósseas junto a esqueletos humanos nesses sítios arqueológicos precisa ser relativizada.

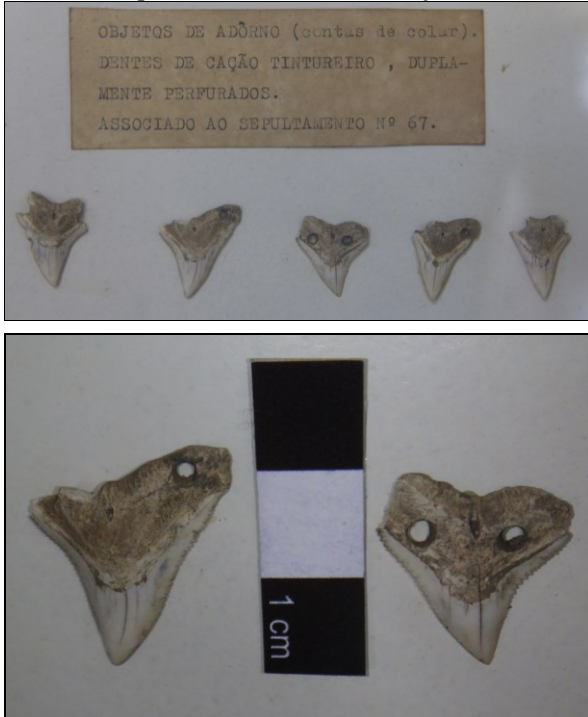
associados aos sepultamentos são líticos (lâmina de machado polida, amolador), pontas de projétil ósseas, ossos de mamíferos, vértebras perfuradas de peixe, uma mandíbula de baleia, conchas (ostras e *Olivella sp.*) e dentes de animais (como tubarão, boto, porco-do-mato, símios e felídeos). Em um sepultamento infantil, foi evidenciada uma pequena tigela de cerâmica emborcada sobre o crânio da criança (Schmitz et al., 1993, p. 117).

No trabalho realizado recentemente⁴⁰, os acompanhamentos funerários no sítio Praia das Laranjeiras II foram classificados segundo as seguintes categorias: dentes de animais (marinhos e terrestres), material ósseo faunístico (sendo ou não artefatos), material lítico, material malacológico e cerâmica. Em termos de faixa etária dos indivíduos, pode-se perceber que os acompanhamentos funerários estavam presentes tanto em crianças quanto em adultos. Referente ao sexo, tanto mulheres quanto homens, da amostra dos indivíduos adultos cujo sexo pode ser determinado, apresentaram acompanhamentos funerários.

Dentre os indivíduos que apresentaram objetos associados produzidos a partir de dentes de animais, podem citar o número de sete indivíduos associados a dentes de tubarão, todos eles duplamente perfurados. As espécies identificadas seriam o tubarão-azul, também denominada de tubarão tintureiro (*Prionace glauca*) e tubarão mangona (*Odontaspis taurus*). Dos sete indivíduos acompanhados por artefatos produzidos em dente de tubarão, três eram crianças (Sep 43, Sep 60, Sep 67). Não há muita especificação sobre a posição no esqueleto em que os artefatos foram encontrados.

⁴⁰ Na dissertação de mestrado (Marques, 2017).

Figura 21 - Acima, cinco dentes de tubarão (*Prionace glauca*) duplamente perfurados, associados ao Sep 67 (infantil), em exposição no MA/CACG. Abaixo, foto aproximada dos mesmos objetos, com escala.



Fotos: Simon-Pierre Gilson e Andrea Lessa.

Em relação aos indivíduos associados a dentes de mamíferos, também perfurados, temos nove pessoas, sendo seis delas crianças (Sep 39, Sep 43, Sep 49, Sep 54, Sep 60, Sep 70). Assim como para os dentes de tubarão, Rohr não especificou a localização de todos eles nos esqueletos. As espécies de mamíferos identificadas a partir da análise dos artefatos feitos de dentes foram: porco-do-mato-queixada (*Tayassu pecari*), boto (*Tursiops truncatus*), lobo marinho (*Arctocephalus australis*), símios (provavelmente de bugio, *Alouatta sp.*) e felinos (de jaguatirica *Felis pardalis* e de onça *Panthera onca*).

Figura 22 - Seis dentes perfurados de felídeo e outras espécies não identificadas, associados ao Sepultamento 43 (infantil).



Foto: Margareth Souza, IPHAN/DF.

Figura 23 - Cinco dentes perfurados de mamíferos, associados ao Sepultamento 39 (infantil), em exposição em vitrine no MA/CACG.



Foto: Simon-Pierre Gilson.

Figura 24 - Dentes (três) de mamíferos perfurados associados ao sepultamento infantil Sep 49. Em vitrine da exposição do MA/CACG.



Foto: Simon-Pierre Gilson.

Sobre os objetos associados aos mortos em conchas temos um artefato composto de 114 conchinhas perfuradas (*Olivella sp.*) associado ao esqueleto de um recém-nascido (Sep 91), e ostras que estavam sob a nuca de um indivíduo de cerca de 15 anos (Sep 74), sugerindo que pudessem ser um tipo de apoio para sua cabeça.

A respeito do material lítico associado aos esqueletos, Rohr evidenciou artefatos, seixos e outras rochas. Alguns eram artefatos como lâminas de machado, enquanto outros eram pedras que acompanhavam o esqueleto, denominadas por Rohr como “pedras de fogão”. Dos doze indivíduos associados a materiais líticos, a maioria era adulto.

Dentre os materiais ósseos tidos como acompanhamentos funerários, foram evidenciadas pontas de flecha (associadas ao Sep 05, de homem adulto), vértebras de peixe perfuradas (Sep 71, também homem adulto), e uma mandíbula de baleia, que estava encostada a um indivíduo adulto masculino, enterrado em posição fetal (Sep 107).

Figura 25 - Sepultamento 107 (adulto masculino), deitado em posição fetal e encostado em uma mandíbula de baleia.



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

Dos acompanhamentos funerários produzidos em cerâmica, temos uma tigelinha associada a um sepultamento infantil (Sep 42), que estava emborcada sobre o crânio da criança e, em outros dois indivíduos adultos, foram evidenciados fragmentos de cerâmica associados (Sep 45 e Sep 108).

De acordo com os dados levantados, a maioria dos indivíduos que possuíam acompanhamento funerário no sítio, considerando a faixa etária, eram indivíduos infantis (13 crianças). Dentre os jovens, três indivíduos tinham acompanhamentos. Por fim, dentre os adultos (homens, mulheres e sexo indeterminado), 21 indivíduos apresentaram materiais associados.

Os indivíduos com acompanhamentos funerários na Praia das Laranjeiras II, sejam homens, mulheres ou crianças estavam em distintas posições, deposições, profundidades e em diversas orientações e, nesse caso, não foi possível estabelecer um padrão para o comportamento funerário vinculado aos objetos associados. No entanto, podemos pensar em termos de preferências e sugerir que, entre as crianças, os dentes de animais perfurados tiveram maior expressão, assim como entre os homens aparecem, predominantemente, materiais líticos.

Abaixo apresento um quadro com a lista de todos os sepultamentos que apresentaram acompanhamentos funerários em Praia das Laranjeiras II, e a descrição desses objetos:

Tabela 4 - Lista de sepultamentos com acompanhamentos funerários identificando o sexo/idade e o Museu em que o artefato associado se encontra.

Sep.	Sexo e idade	Acompanhamento funerário
Sep 05	Adulto, do sexo masculino	Três/quatro pontas ósseas com pedúnculo
Sep 12	Jovem em crescimento, de sexo indeterminado	Uma lâmina de machado polida
Sep 16	Mulher adulta madura	Dente de tubarão tintureiro
Sep 17	Adulto, sexo feminino	“Um fogão encostado”
Sep 20	Criança de alguns meses de idade	“Ao lado de um fogão”
Sep 31	Criança de aprox. 7 anos	Uma grande pedra (17 x 17 x 7 cm) encontrava-se na face
Sep 39	Criança de aprox. 3 a 4 anos	Quatro dentes perfurados de mamíferos
Sep 42	Criança	Tigelinha de cerâmica (emborcada sobre a cabeça)
Sep 43	Criança	Dente de tubarão duplamente perfurado, dentes perfurados de felídeos e outras espécies, e uma tigela de cerâmica
Sep 45	Homem adulto	Fragmento de cerâmica e vértebras de peixe
Sep 46	Homem adulto	Seixos sem sinais de trabalho
Sep 49	Criança de menos de um ano	Quatro dentes perfurados de mamíferos
Sep 54	Criança de aprox. 3 a 4 anos	Treze dentes de perfurados de felídeos e outras espécies

Sep.	Sexo e idade	Acompanhamento funerário
Sep 55	Provável masculino e provável maduro	“Caixa torácica de um mamífero do porte de um cão”
Sep 57	Adulto, sexo indeterminado	Dentes de mamífero perfurados
Sep 58	Jovem de aprox. 15 anos, sexo indeterminado	Artefato ósseo fragmentado
Sep 60	Criança de menos de um ano de idade	Um dente perfurado (felino) e dois dentes de cação duplamente perfurados
Sep 62	Adulto, sexo indeterminado	Seixos
Sep 67	Criança de aprox. 9 meses	Cinco dentes de tubarão tintureiro duplamente perfurados (<i>Prionace glauca</i>)
Sep 70	Criança	Dentes de mamíferos perfurados
Sep 71	Homem adulto maduro	Vértebras de peixe perfuradas
Sep 72	Homem adulto maduro	Entre os Sep 72 e Sep 73 há ossos finos e longos (mamíferos e aves), doze dentes de cação e um dente de porco-do-mato
Sep 73	Adulto de sexo indeterminado	Entre os Sep 72 e Sep 73 há ossos finos e longos (mamíferos e aves), doze dentes de cação e um dente de porco-do-mato
Sep 74	Jovem de aprox. 15 anos, sexo indeterminado	Com ostras sob a nuca
Sep 75	Adulto de sexo indeterminado	Três dentes de tubarão duplamente perfurados (<i>Prionace glauca</i> e <i>Odontaspis taurus</i>)
Sep 91	Criança de menos de um ano de idade	Adorno composto por 114 conchinhas (<i>Olivella sp.</i>)

Sep.	Sexo e idade	Acompanhamento funerário
Sep 93	Adulto, sexo indeterminado	Seixos e vértebras de peixe
Sep 94	Adulto cujo sexo não foi possível de determinar	Pedras esparsas
Sep 95	Criança de aprox. 10 anos	“Pedras (de um fogão?)”
Sep 96	Criança de aprox. 10 anos	“Pedras (de um fogão?)”
Sep 102	Homem adulto maduro	“Um amolador junto ao crânio”
Sep 103	Adulto, sexo indeterminado	Alguns seixos
Sep 106	Adulto, sexo indeterminado	Seixo tratado a fogo e parcialmente polido
Sep 107	Homem adulto maduro	“Encostado à parte mais grossa da enorme mandíbula de baleia”
Sep 108	Adulto, cujo sexo não pode ser determinado	Um vasilhame cerâmico quebrado (metade)
Sep 109	Adulto, de sexo indeterminado	Associado a seixos diversos
Sep 110	Provável masculino, adulto jovem	Um esqueleto de criança recém-nascida e diversos seixos esparsos

Fonte: Elaborado pela autora.

Mesmo que a metodologia de escavação e de registro dos sepultamentos do sítio Caiacanga-Mirim tenha sido diferente daquela utilizada na escavação de Praia das Laranjeiras II, ao analisarmos os sepultamentos e os acompanhamentos funerários dos dois sítios, percebemos que há algumas semelhanças em seus contextos funerários, especialmente em relação a essa classe de objetos.

Em termos de acompanhamentos funerários, evidenciou-se objetos de diferentes tipos, mas obtiveram destaque aqueles que podemos classificar como adornos ou enfeites corporais, que seriam

artefatos produzidos a partir de dentes de animais, de conchas, de vértebras de peixe. Pensar em adornos funerários nos remete novamente à importante noção indígena que compõe o mundo e as pessoas, a noção de corporalidade, aqui especificamente relacionada a um outro corpo, diferente dos vivos, o corpo do morto.

Nos dois sítios arqueológicos analisados, especialmente os indivíduos infantis foram evidenciados com adornos associados. As crianças parecem ter sido as mais adornadas dentre os indivíduos sepultados tanto em Caiacanga-Mirim quanto em Praia das Laranjeiras II. Os outros objetos associados aos mortos, como vasilhames cerâmicos, ossos de baleia, pontas de flecha ósseas, materiais líticos e rochas associadas apresentaram-se, em sua maioria, entre os adultos. Abaixo um quadro comparativo que ilustra essas preferências por classes de idade nos dois sítios:

Tabela 5 - Tabela comparativa que apresenta os tipos de acompanhamentos funerários que aparecem em cada uma das classes de idade entre os indivíduos de Caiacanga-Mirim e Praia das Laranjeiras II.

Sítio Arqueológico/Indivíduos	Caiacanga-Mirim	Praia das Laranjeiras II
Adultos	Adornos de conchas; Peça cerâmica; Rochas	Artefatos ósseos (vértebras de peixe perfuradas); Pontas de flecha ósseas; Artefatos de dentes de animais (tubarões, mamíferos); Osso de baleia; Rochas
Jovens	Artefato lítico	Conchas; Artefato lítico
Crianças	Adornos de conchas, de dentes de animais (tubarões)	Adornos de conchas, de dentes de animais (mamíferos e tubarões); Vasilhame cerâmico

Fonte: Elaborado pela autora.

Os acompanhamentos funerários analisados encontram-se na reserva técnica do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, SJ”, na área de exposição do MHS e na exposição do Museu Arqueológico/Complexo Ambiental Cyro Gevaerd. Alguns deles estão expostos com a informação de que são objetos associados a sepultamentos, mas nem todos possuem essa referência. No MHS algumas peças, especialmente as mais delicadas, como as conchas nacaradas, não estão expostas.

Alguns sepultamentos com presença de acompanhamentos funerários de Praia das Laranjeiras II foram cimentados por Rohr e estão na área de exposição dos dois museus (MHS e MA/CACG). No entanto, os objetos associados aos esqueletos não estão junto a eles. No caso do sítio Caiacanga-Mirim, nenhum dos sepultamentos foi cimentado, Pe. Rohr apenas coletou e identificou os esqueletos.

Em relação aos sepultamentos cimentados e os artefatos associados a eles, só é possível ver na área da exposição, no MHS, um sepultamento em que o objeto associado está junto ao próprio esqueleto. Trata-se do Sepultamento 91, do sítio Praia das Laranjeiras II, um recém-nascido, que foi cimentado junto ao objeto associado a ele, um adorno de 114 conchinhas perfuradas (*Olivella sp.*).

Figura 26 -Sepultamento 91 (infantil), do sítio Praia das Laranjeiras II, cimentado e em exposição no MHS. Possui como acompanhamento, um adorno com 114 conchinhas perfuradas (*Olivella sp.*).



Fonte: foto da autora.

Esse sepultamento infantil, assim como outro esqueleto infantil cimentado e em exposição com seus adornos (Sepultamento 75, da Praia da Tapera), mostram que, de certa forma, esses objetos estão *no contexto*, por assim dizer. É interessante pensar que, por estarem cimentados com seus objetos associados, os esqueletos estão em contexto funerário, mesmo que seja outro tipo de contexto funerário e em outro lugar, na exposição do Museu. Isso difere dos acompanhamentos que estão encaixotados na Reserva Técnica, que foram separados dos seus esqueletos, por escolhas metodológicas de acondicionamento. Guardar as peças nas caixas é uma maneira de preservar e organizar o acervo, no entanto, elas estarem na exposição, junto aos esqueletos cimentados, no seu contexto de sepultamento é muito diferente, é singular, e proporciona um outro olhar e um outro sentido para quem visita o Museu, pois leva a uma dimensão emocional, afetiva. Me parece que era essa experiência que o Padre Rohr gostaria, através da exposição dos esqueletos cimentados, de nos proporcionar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou realizar uma breve reflexão museológica sobre alguns objetos que compõem parte da *Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr*. A partir do estudo de uma coleção arqueológica, foi possível identificar o potencial de estudo dos materiais que integram grandes coleções que ainda foram pouco estudadas e que ajudam a escrever a história dos povos indígenas do nosso território. Essa Coleção em particular, resultado de anos de esforço, trabalho e pesquisa do Padre Rohr, é uma coleção muito preciosa e extremamente importante para a arqueologia brasileira em vários aspectos. Muitas pesquisas podem ser elaboradas tendo como base o estudo desta Coleção e podem nos dar, a partir de variadas metodologias e de inúmeras perspectivas, muitas respostas interessantes sobre esses povos ameríndios.

Através de uma proposta de análise que envolveu objetos de caráter especial e sagrado - justamente por serem parte de sepultamentos humanos - o trabalho buscou realizar um estudo que valorizasse tais objetos sem esquecer que, para além desse seu *status* original, eles receberam, ainda, outro estatuto depois de sua evidenciação nas escavações: o estatuto de objeto arqueológico e, peça de museu, ou seja, estatuto de *acervo museológico*.

A tentativa foi realizar um estudo de acervo que contemplasse, minimamente, parte da trajetória e da história dos objetos e dos grupos que os produziram, das instituições de guarda e da pesquisa do Pe. Rohr, um dos maiores nomes da arqueologia brasileira.

A análise dos acompanhamentos funerários dos dois contextos arqueológicos litorâneos procurou chamar atenção para as metodologias distintas utilizadas pelo Pe. Rohr em cada um deles, apontando suas principais características. Além disso, ainda que descritiva, a análise aqui empreendida buscou evidenciar algumas linhas das práticas funerárias dos grupos indígenas materializadas nos sepultamentos de Caiacanga-Mirim e Praia das Laranjeiras II.

Mesmo que os dois sítios arqueológicos tenham sido escavados a partir de metodologias distintas, que os sepultamentos tenham sido registrados de diferentes maneiras, e que os acompanhamentos funerários tenham sido interpretados e coletados de modos distintos pelo Pe. Rohr, foi possível evidenciar algumas semelhanças entre os contextos funerários de Caiacanga-Mirim e Praia das Laranjeiras II,

especialmente a presença de acompanhamentos funerários classificados como adornos, produzidos a partir de conchas, ossos de animais, dentes de mamíferos e de tubarões, e também de outros objetos, como materiais líticos, artefatos ósseos e cerâmica.

Baseado em algumas referências da etnologia ameríndia, o trabalho buscou desenvolver algumas reflexões sobre o papel dos objetos entre alguns grupos ameríndios, especialmente os adornos, enfeites e os objetos relacionados aos mortos para pensar os acompanhamentos funerários estudados.

Enfim, para além da análise e da valorização dada aos objetos neste trabalho de conclusão de curso, acredito que pude realizar uma pequena contribuição no sentido de chamar a atenção para que possamos continuar valorizando os povos indígenas, sua existência, suas histórias, suas trajetórias. E que, para além de “estudar sobre” eles, nós possamos “aprender com” eles.

Para concluir, o estudo elaborado para este TCC sugere que os acompanhamentos funerários não fiquem no museu apenas como se estivessem em seus “novos locais de sepultamento”, mas que os museus possam ser cada vez mais lugares vivos de pesquisa, de estudo, de revisita a essas coleções e acervos. Que os museus e as coleções arqueológicas não sejam *lugares de sepultamento* no sentido de ficarem esquecidos, mas que sejam lugares de valorização e comunicação das histórias, das trajetórias, dos corpos e dos objetos indígenas.

REFERÊNCIAS

- ACERVO. *In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14329/acervo-e-colecao>. Acesso em: 08 out. 2018.
- BARRETO, Cristiana N. G. B. *Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia Antiga*. 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BECK, Anamaria. *A variação do conteúdo cultural dos sambaquis - Litoral de Santa Catarina*. 1972. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.
- CALAVIA SÁEZ, Oscar. Do perspectivismo ameríndio ao índio real. *Campos*, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 7-23, 2012.
- CASTRO, Eduardo B. Viveiros de. *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- CASTRO, Eduardo B. Viveiros de. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- CLIFFORD, James. Colecionando arte e cultura. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 23, 1994.
- COELHO, Christianne C. R. *Sambaquis e Museus: relações entre acervos in situ e ex situ*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- COLEÇÃO. *In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14329/acervo-e-colecao>. Acesso em: 08 out. 2018.
- COMERLATO, Fabiana. O legado do Pe. João Alfredo Rohr S. J.: Reflexões sobre sua trajetória na Arqueologia Brasileira. *Revista de Arqueologia Pública*, [s. l.], n. 10, p. 9-24, dez. 2014.

DESCOLA, Philippe. *La Nature Domestique. Symbolisme et Praxis dans l'Écologie des Achuar*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1986.

FARIA, Luiz de Castro. *Antropologia: escritos exumados - Espaço circunscrito: tempos soltos*. Niterói: EDUFF, 1998.

FOSSARI, Teresa D. *A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina*. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

FRONER, Y. A. Conservação preventiva e patrimônio arqueológico e etnográfico: ética, conceitos e critérios. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 5, p. 291-301, 1995.

GASPAR, Maria Dulce; SOUZA, Sheila M. (org.) *Abordagens estratégicas em sambaquis*. Erechim: Habilis Editora, 2013.

GONÇALVES, José R. S. *Antropologia dos objetos: Coleções, Museus e Patrimônios*. Rio de Janeiro: Ed.IPHAN/GARAMOND, 2007.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Materials against materiality. In: INGOLD, T. *Being Alive: Essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge, 2011.

JULIÃO, Leticia. Pesquisa histórica no museu. In: SISTEMA BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caderno de diretrizes museológicas*. Belo Horizonte: 2006. p. 92-106. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno_Diretrizes_I%20Completo.pdf. Acesso em: 08 out. 2018.

KLOKLER, D. M. Adornos em concha do Sambaqui Cabeçuda: revisita às amostras de Castro Faria. *Revista de Arqueologia*, v. 27, n. 2, p.150-169, 2014.

KLOKLER, Daniela; GASPAR, Maria Dulce. Há uma estrutura funerária em meu sambaqui..., esse sambaqui é uma estrutura funerária! In: GASPAR M.; SOUZA, S. *Abordagens Estratégicas em Sambaquis*. Erechim: Habilis, 2013. p. 117-125.

LAGROU, Els. *Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

LEMMONIER, P. Introduction. In: LEMMONIER, Pierre (org.). *Technical Choices, transformation in material cultures since the Neolithic*. Routledge: [s. n.], 1993.

LEMMONIER, Pierre. Tecnología y Antropología. Tradução: Andrés Laguens. In: LEMMONIER, Pierre. *Elements for an Anthropology of Technology*. [S. l.]: Ann Arbor, 1992. p. 1-24.

MACHADO, Juliana Salles. *Montículos artificiais na Amazônia central: um estudo de caso do sítio Hatahara*. 2005. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2003. p. 401-424.

MILLER, Joana. *As Coisas. Os enfeites corporais e a noção de pessoa entre os Mamaindê (Nambiquara)*. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MONTARDO, Deise L. *Práticas funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas (reflexões iniciais)*. 1995. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

PADILHA, Renata. *Documentação Museológica e Gestão de Acervo*. Florianópolis: FCC, 2014. (Coleção Estudos Museológicos, v. 2).

PROUS, André. Artefatos e adornos sobre suportes de origem animal, vegetal ou mineral (concha, casca de ovo, dente, osso, cera, fibras vegetais e calcita). *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG*, [s. l.], v. 19, p. 371-413, 2009.

RAPP PY-DANIEL, Anne. *Arqueologia da Morte no sítio Hatahara durante a fase paredão*. 2009. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RAPP PY-DANIEL, Anne. Como os contextos funerários nos ajudam a entender os vivos na Amazônia Pré-Colombiana. In: ROSTAIN, Stéphen (ed.) *Antes de Orellana: Actas del Tercer Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Quito: [s. n.], 2014.

RIBEIRO, Berta G. *Dicionário do artesanato indígena*. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1988.

RIBEIRO, Berta G. Introdução: a linguagem simbólica da cultura material. In: RIBEIRO, Darcy (ed.) *Suma Etnológica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1987.

RIBEIRO, Darcy. Arte Índia. In: RIBEIRO, Darcy (ed.) *Suma Etnológica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1987.

RIBEIRO, Liliane B. *Limpendo ossos e expulsando mortos: estudo comparativo de rituais funerários em culturas indígenas brasileiras através de uma revisão bibliográfica*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

RIBEIRO, Marily. S. *Arqueologia das práticas mortuárias*. Uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007.

RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. O pensamento simbólico complexo: origens e controvérsias, reflexões a partir de evidências de adornos, práticas funerárias e arte. *Ciência & Ambiente*, [s. l.], n. 48, jan./jun. 2014.

ROHR, João A. [*Correspondência*]. Destinatário: Luiz Salgado Ribeiro. 1965. Acervo do Colégio Catarinense.

ROHR, João A. A jazida da Base Aérea de Florianópolis. *Pesquisas: Publicações de Antropologia*, São Leopoldo, n. 3, 1959.

ROHR, João A. Cimentação de sepultamentos e de “blocos testemunhos”. *Pesquisas arqueológicas no litoral de Itaipu, Niterói*, 1981.

ROHR, João A. Normas para a cimentação de enterramentos arqueológico e montagem de blocos-testemunha. *Manuais de Arqueologia*, Curitiba, n. 3, 1970.

ROHR, João A. O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras – Balneário de Camboriú. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, Florianópolis, n. 17, p. 5-76, 1984.

ROHR, João A. Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina. *Pesquisas: Publicações de Antropologia*, São Leopoldo, n. 3, p. 199 – 266, 1959.

SALADINO, Alejandra. *A morte enfeitada: um olhar sobre as práticas mortuárias dos construtores do Sambaqui Cabeçada a partir de um sepultamento infantil*. 2016. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SALADINO, Alejandra. Museus e Arqueologia: algumas reflexões. *Cadernos de Sociomuseologia*, [s. l.], v. 10, p. 89-112, 2017.

SALADINO, Alejandra; POLO, Mario. Acervo Arqueológico. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (org.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016.

SCHERER, Luciane Zanenga. *Relatório Final para Bolsa de Apoio Técnico*. Projeto “Sistemas de Assentamento Pré-colonial no Litoral e Planalto do Sul do Brasil”. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006.

SCHLANGER, Nathan. The chaîne opératoire. In: BAHN, Paul G.; RENFREW, Colin. *Archaeology: the key concepts*. Burnaby: University of Simon Fraser Library, 2005. p. 25-31.

SCHMITZ, Pedro I. Um jesuíta em tempos de transição. *Pesquisas: Publicações de Antropologia*, São Leopoldo, n. 67, 2009.

SCHMITZ, Pedro I.; VERARDI, Ivone. Antropologia da morte. Praia das Laranjeiras: um estudo de caso. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 91-100, 1994.

SCHMITZ, Pedro I.; VERARDI, Ivone; MASI, Marco A. de; ROGGE, Jairo H.; JACOBUS, André L. Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J.: O sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma aldeia da Tradição Ceramista Itararé. *Pesquisas: Publicações de Antropologia*, São Leopoldo, n. 49, 1993.

SEEGER, Anthony, MATTA, Roberto da; CASTRO, Eduardo Viveiros de. A construção da Pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro*, n. 32, p. 2-19, maio 1979.

SENE, Glaucia M. *Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social*. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais. 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Jaciara A. *O corpo e os adereços: sepultamentos humanos e as especificidades dos adornos funerários*. 2013. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

SILVA, Sergio F. S. M. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 15/16, p. 113-138, 2005/2006.

SILVA, Sergio F. S. M. *Arqueologia das Práticas Mortuárias em Sítios Pré-históricos do Litoral do estado de São Paulo*. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SOFAER, Joanna R. *The Body as Material Culture. A Theoretical Osteoarchaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SOUZA, Alfredo Mendonça de. *Dicionário de Arqueologia*. Rio de Janeiro: ADESA, 1997.

STRAUSS, André M. *As práticas mortuárias dos caçadores-coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG): um estudo de caso do sítio arqueológico “Lapa do Santo”*. Dissertação (Mestrado em Genética e Biologia Evolutiva) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, 2010.

THEVENET, Corinne; RIVOAL, Isabelle; SELLIER, Pascal; VALENTIN, Frédérique. Introduction: la chaîne opératoire funéraire. In: VALENTIN, Frédérique; RIVOAL, Isabelle; THEVENET, Corinne; SELLIER, Pascal. *La Chaîne opératoire funéraire. Ethnologie et archéologie de la mort*. Paris: De Boccard, 2014. p. 7 – 10.

WICHERS, Camila A. de Moraes. *Patrimônio arqueológico paulista: proposições e provocações museológicas*. 2011. Tese (Doutorado em Arqueologia) -Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

WICHERS, Camila A. de Moraes. Sociomuseologia e Arqueologia Pós-processual: conexões no contexto brasileiro contemporâneo. *Cadernos de Sociomuseologia*, [s. l.], n. 7, 2016.

ANEXOS

Sítio arqueológico Caiacanga-Mirim, sem data.



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

Sepultamento sem identificação do sítio arqueológico Caiacanga-Mirim, 1958.



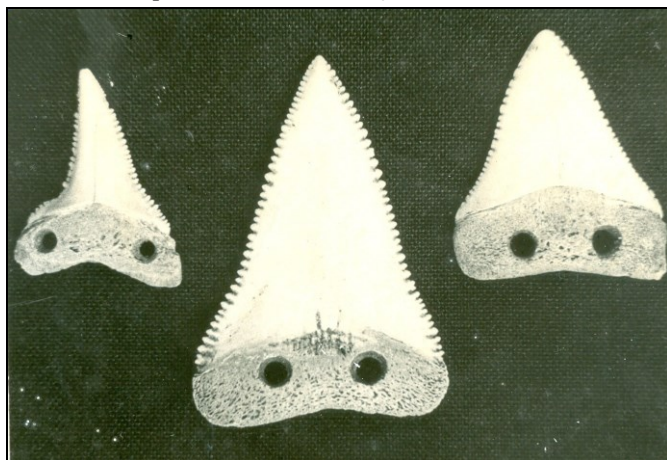
Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

Conchas perfuradas evidenciadas na escavação do sítio arqueológico Caiacanga-Mirim, 1958. Possivelmente, uma delas é acompanhamento do Sep 01.



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

Dentes de tubarão duplamente perfurados encontrados no sítio arqueológico Caiacanga-Mirim, 1958. Um dos dentes de tubarão é, possivelmente, o acompanhamento do Sep não identificado (infantil), enquanto o outro pode ser o dente associado ao Sep 22, também de criança.



Fonte: Arquivo do MHS/Colégio Catarinense.

Ficha de Registro de Sepultamento original referente ao Sepultamento 01 do sítio Praia das Laranjeiras II, 1977.

MUSEU DO HOMEM DO SAMBAQUI

REGISTRO DE SEPULTAMENTO

1 - Sepultamento n° 1

2 - Localidade Praia das Laranjeiras

3 - Escavações n° 1/1977

4 - Sítio Passagem de Sambaqui N.º 1

5 - Profundidade partindo da superfície 40 cm nivel 100 cm do ponto 300

6 - Estratificação no fundo escuro com ossos em duas caixas amarelas com pedaço de madeira

7 - Condições do sepultamento sem póssimo

8 - Ossos ausentes Telex, mangu e prumo anexo do de meu sepulcro

9 - Ossos presentes 1 crânio amarelo de um adulto

10 - Sexo

11 - Idade 12 anos ?

12 - Patologia

13 - Tipo de disposição (flexionado ou não)

14 - Posição do corpo

15 - Decúbito

16 - Posição da cabeça

17 - Orientação

18 - Tamanho da sepultura

19 - Objetos ligados ao sepultamento

20 - Sector 37 (3)

21 - Coletor por P. H. S.

22 - Registrado por P. H. S.

23 - Foto com foto do crânio e braços de dois colarinho

24 - Esboço por Reh

25 - Data 20/4/77

26 - Observações: o crânio isolado e amarelo no fundo escuro quando
seco muito consistente quando húmido (não se quebra)
meio porcos fonte

Fonte: Acervo do Instituto Anchieta de Pesquisas.